

## *Diógenes Laércio*

### *Livro III: Platão*

*Notas Introdutórias*

**Reina Marisol Troca Pereira**

Professora Auxiliar da Universidade da Beira Interior

<https://orcid.org/0000-0001-9681-8410>

[rmtp@ubi.pt](mailto:rmtp@ubi.pt)

Recebido: 30 de junho de 2020

Aprovado: 30 do setembro de 2020

DOI: <https://doi.org/10.47661/afcl.v14i27.40617>



PEREIRA, Reina Marisol Troca, Diógenes Laércio, livro III: Platão - Notas Introdutórias. *Anais de Filosofia Clássica* 27, 2020. p. 330-371.

**RESUMO:** A tradução aqui disponibilizada de Diógenes Laércio, livro III: Platão é antecedida de algumas observações sumárias. Aborda-se vários aspetos, como fontes, estilo e transmissão do livro. A obra não é meramente laudatória. De facto, Laércio estende a sua exposição a diversos aspetos da vida de Platão, como carácter; Escola; amores; plágio; posses; testamento, sem omitir algumas informações menos abonatórias a Platão enquanto figura antitética, amado por uns, odiado e acusado por outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diógenes Laércio; Platão; biografia; filosofia.

**ABSTRACT:** The translation of Diogenes Laertius, book III: Plato here presented is preceded by some summary remarks. It addresses various aspects such as fonts, style and transmission of the book. The work is not merely laudatory. Indeed, Laertius extends his exposure to various aspects of Plato's life, such as character; School; loves; plagiarism; possessions; testament, without omitting some less credible information from Plato as an antithetical figure, loved by some, hated and accused by others.

**KEY-WORDS:** Diogenes Laertius; Plato; biography; philosophy.

## 1. *Prolegómenos*

Não pretende esta introdução comportar-se como uma sumária história da filosofia, apresentando aspetos relativos a doutrinas ou textos filosóficos platónicos<sup>1</sup>. Na realidade, não mais do que preceder a leitura do terceiro livro de *Vidas dos Eminentes Filósofos* de Diógenes Laércio (D.L.), com algumas notas sobre a matéria disponibilizada pelo compilador do século III.

Ora, o livro em apreço centra-se num único pensador<sup>2</sup>, à semelhança do livro X [sobre Epicuro], contrariamente ao que se constata na maioria dos restantes livros, que integram, nas suas abordagens, vários filósofos. O assunto é introduzido no final do livro II [2.144: μετιτέον δὲ ἐπὶ Πλάτωνα τὸν τῆς Ἀκαδημείας κατάρξαντα, καὶ τοὺς ἀπ' αὐτοῦ, ὅποιοι γεγόνασιν ἑλλόγιοι «passa-se então para Platão, fundador da Academia e respetivos sucessores, pois eram homens reputados»] e repetido em alguns passos anteriores [e.g. 2.57: ὡς ἐν τῷ περὶ Πλάτωνος λέξομεν, «como diremos, no livro sobre Platão». Cf. 3.34]. Também, no início do livro seguinte, uma afirmação conclusiva [4.1]: τὰ μὲν περὶ Πλάτωνος τοσαῦτα ἦν ἐς τὸ δυνατὸν ἡμῖν συναγαγεῖν, «Estes dados sobre Platão são o melhor que conseguimos reunir».

Alguma informação disponibilizada na compilação sumária de Diógenes Laércio relativamente a Platão parecia refletir o conhecimento generalizado e aceite, destacado por autores como Apuleio e que perduraria no Período Medieval, designadamente na secção que lhe é

---

<sup>1</sup> Cf., a propósito de matéria filosófica, Algra *et al.*, 2008. Acerca de vidas de filósofos na Antiguidade, vd. Goulet, 2001.

<sup>2</sup> Sobre a origem dos termos 'filosofia' [φιλοσοφία] e 'filósofo' [φιλόσοφος], atribuídos a Pitágoras, vd. 1.12.

reservada em *Suda* π 1707<sup>3</sup>, que sumaria e corrobora aspetos marcantes da biografia platónica, de igual modo destacados no livro III de Diógenes Laércio.

<sup>3</sup> Eis, pois, a referida entrada (cf. Apuleio *De Platone* 1.1) e respetiva tradução, devendo notar-se um particular destaque para uma certa nobilitação do Filósofo, através de episódios premonitórios, designadamente a visão da mãe de Platão e o sonho de Sócrates: Πλάτων, Ἀρίστωνος τοῦ Ἀριστοκλέους καὶ Περικτιόνης ἢ Ποτώνης, τὸ γένος ἔλκουσης ἀπὸ Σόλωνος· ἔκτη γὰρ ἦν ἀπ' ἐκείνου, παῖς γενομένη Δρωπίδου ποιητοῦ, τοῦ ἀδελφοῦ Σόλωνος, ὁ δὲ Σόλων εἰς Νηλέα ἀναφέρει τὸ γένος. καὶ Ἀρίστων δὲ ὁ Πλάτωνος πατὴρ ἐκ τοῦ Κόδρου γένους κατήγето, τοῦ Μελάνθου υἱοῦ. ἰστόρηται δέ, ὡς ἐκ τίνος θείας ὕψεως ἡ μήτηρ Πλάτωνος ἔγκυος ἐγένετο, ἐπιφανέντος αὐτῇ τοῦ Ἀπόλλωνος. καὶ ἠνίκα ἔτεκε τὸν Πλάτωνα, τότε αὐτῇ ὁ ἀνὴρ συνεγένετο. ἐτέχθη δ' ἐν Αἰγίνῃ ἐν τῇ πη' ὀλυμπιάδι μετὰ τὰ προοίμια τοῦ Πελοποννησιακοῦ πολέμου, καὶ ἔβίω ἔτη β' καὶ π'. τελευτᾷ δὲ ἐπὶ τῆς ρη' ὀλυμπιάδος, οὐδὲ γάμον τινα οὐδὲ ὀμιλίαν καθάπαξ σώματος εἰς πείραν δεξάμενος· εὐχρήσθη δ' ἐν ἑορτῇ καὶ ὑπνῶν ἀπεβίω. καὶ ἕτεροι δὲ ἐγένοντο μετ' αὐτὸν υἱοὶ τῶ Ἀρίστωνι Ἀδείμαντος καὶ Γλαύκων καὶ Ποτώνη θυγάτηρ. καὶ τὰ μὲν πρῶτα γράμματα διδάσκειται παρὰ τινι Διονυσίῳ, ἐγμνάσθη δὲ τὰ εἰς παλαιστραν παρ' Ἀρίστωνι τῶ Ἀργεῖο· εἶτα μαθῶν ποιητικὴν γράφει διθυράμβους καὶ τραγωδίας· ἀπογνοῦς δὲ τούτων ἐφιλοσόφησε παρὰ Σωκράτει ἐπὶ ἔτη κ'. καὶ λόγος, ἰδεῖν Σωκράτην, καθ' ἣν ἡμέραν αὐτῶ παρεδόθη Πλάτων, κύκνον αὐτοῦ τοῖς γόνασιν ἐπικαθήμενον. προσηγορεύετο δὲ Ἀριστοκλῆς, διὰ δὲ τὸ πλατὺς εἶναι τὸ στέρνον Πλάτων ἐπωνομάσθη, ἄλλοι δὲ ὡς πλατὺν ἐν λόγῳ Πλάτωνα κληθῆναι. τρεῖς δὲ ἐν Σικελίᾳ Πλάτων ἦλθε πρὸς τοὺς τυράννους Διονυσίους· καὶ ἐπράθη ὑπὸ τοῦ τυράννου. ἐπρίατο δὲ αὐτὸν Ἀννίκερις τις Λίβυς καὶ ἀφήκε. διέτριβε δὲ ἐν τῇ Ἀκαδημίᾳ παιδεύων· καὶ διεδέξαντο τὴν σχολὴν αὐτοῦ καθ' ἕνα οἷδε· Σπεύσιππος, Ξενοκράτης, Πολέμων, Κράντωρ, Κράτης. οἱ δὲ Σωκρατίδες, Ἀρκεσίλαος, Λακύνδης, Εὐανδρὸς Φωκαεὺς, Δάμων, Λεοντεύς, Μοσχίων, Εὐανδρὸς Ἀθηναῖος, Ἥγησίνοος, Καρνεάδης, Ἀρμάδας. εἰσὶ δὲ οἱ γνήσιοι αὐτοῦ διάλογοι πάντες νθ', ὧν οἱ μὲν εἰσι φυσιολογικοί, οἱ δὲ ἠθικοί, οἱ δὲ διαλεκτικοί. καὶ ἡ μὲν Πολιτεία διαίρεται εἰς βιβλία ι', οἱ δὲ Νόμοι εἰς ιβ'. τετραλογία δὲ λοιπαὶ θ'. «Filho de Aríston, filho de Aristocles, e de Pericçãoe, que se colocou na linha de descendência de Sólon, porquanto seria a sexta [geração] a partir dele, ao ser descendente do poeta Dropides, irmão de Sólon. Ora, Sólon dizia provir de Neleu. Aríston, pai de Platão, provinha da família de Codro, filho de Melanto. Conta-se que a mãe de Platão engravidou na sequência de uma visão divina, já que Apolo lhe apareceu e, quando deu à luz Platão, apenas então o marido se deitou com ela. Nasceu em Egina, na 88ª Olimpíada, no início da Guerra do Peloponeso [D.L.3.1-3], e viveu 82 anos. Faleceu na 108ª Olimpíada, sem se ter casado, e sem sequer tentar um relacionamento físico. Banqueteou-se num feriado e morreu a dormir [D.L. 3.40]. Depois dele, Aríston teve outros filhos: Adimanto, Glauco e uma filha – Potone [D.L. 3.4]. Além disso, aprendeu as primeiras letras com um tal Dionísio, mas continuou a sua educação na palestra, com o Argivo Aríston. Tendo aprendido a arte poética, escreveu ditirambos e tragédias. Desistindo disto, estudou filosofia com Sócrates, durante 20 anos. Conta-se que Sócrates, no dia em que Platão lhe foi confiado, visionou um cisne a sentar-se nos seus joelhos [D.L. 3.5-6]. Chamava-se Aristocles, porém, como o seu peito era largo [πλατύς], ficou apelidado de Platão [Πλάτων]. Segundo outros, porque tinha um discurso amplo, ficou chamado de Platão. Por três vezes, Platão dirigiu-se aos tiranos de nome Dionísio, na Sicília, e foi vendido pelo tirano. Um determinado líbio chamado Aniceris comprou-o e libertou-o [D.L. 3.20]. Passou o seu tempo a ensinar na Academia e destacaram-se, na sua escola, Espeusipo, Xenócrates, Pólemon, Crantor, Crates. Outros eram Socráticos: Arcesilau, Lacides, Evandro, Focceu, Damon, Leônteo, Móschio, Evando, o Ateniense, Hegesino, Carneades, Harmadas. Os seus diálogos autênticos perfazem 56. Alguns são

A temática, contudo, não se cinge exclusivamente à opinião de Laércio<sup>4</sup>, nem se encontra limitada ao livro III, mostrando-se com pinceladas transversais ao longo da obra de Diógenes. De facto, nomeado pouco mais de uma centena de vezes em toda a obra, Platão é aludido e [ou] constitui assunto em muitos mais passos, pese embora em secções votadas a outros filósofos. Surge, pois, mencionado maioritariamente como autoridade sobre diversos aspetos tratados nos seus diálogos; também enquanto discípulo de Sócrates [1. Prólogo. 14]<sup>5</sup>; fundador da Academia Antiga [1. Prólogo. 14: Πλάτων ὁ τὴν ἀρχαίαν Ἀκαδημίαν, 2.47, 2.144. Cf. 2.125, 134: περὶ Πλάτωνα καὶ Ξενοκράτην; 10.8, segundo Epicuro, περὶ Πλάτωνα Διονυσοκόλακος καὶ αὐτὸν Πλάτωνα χρυσοῦν]; filósofo [1.108]; pelos seus traços de carácter [e.g. ciúmes, 2.57, entre Platão e a 'Musa Ática' - Xenofonte]; amizades<sup>6</sup> e inimizades<sup>7</sup>; popularidade [2.62]; antíteses<sup>8</sup>.

Em suma, a importância de Platão, figura antitética, revelou-se, ainda assim, marcante ao ponto de a data da sua morte<sup>9</sup> constituir um marco de referência para aludir a outros eventos [cf. 10.14]. Ainda assim, convém notar que as datas do nascimento e do óbito de Platão expostas por Laércio [3.2], com base em Apolodoro (cf. diferentemente, Neantes),

<sup>4</sup> Cf., a título ilustrativo, no século II, Albino, *Didaskalikos, Eisagoge*.

<sup>5</sup> Ao considerar Sócrates, importa ponderar acerca da sua existência histórica. Porquanto não terá deixado documentação escrita que a confirme, restam somente, na hodiernidade, informações respeitantes à *persona* socrática construída em obras de Aristófanes (*Nuvens*); sobre o *logos Sokraticos*, Xenofonte (*Apologia, Banquete, Económico, Memoráveis*), Platão (toda a obra, à exceção de *As Leis*), Aristóteles (*As Partes dos Animais, Ética a Eudemo, Ética a Nicómaco*). Também Diógenes lhe consagra o quinto capítulo do livro II. Acerca da questão socrática, vd. Morrison, 2011.

<sup>6</sup> Cf. a amizade de Arquitas de Tarento, quando Platão foi condenado à morte por Dionísio [8.79]; carta amistosa de Platão [8.81], entre outros episódios.

<sup>7</sup> Cf. aspetos, como inimizades, designadamente com Ésquines [2.60], Antístenes [e.g. 6.3, 7], Eudoxo [8.87].

<sup>8</sup> Cf. por um lado, gosto por luxos [6.25], por outro, aversão a extravagâncias [e.g. de Aristipo 2.69].

<sup>9</sup> Vd. 5.9: Πλάτωνος δὲ τελευτήσαντος τῷ πρώτῳ ἔτει ἐπὶ Θεοφίλου, «quando Platão morreu, no primeiro ano [da Olimpíada], no arcontado de Teófilo».

associam-se a outros eventos de referência, designadamente Olimpíadas (nascimento e óbito), o dia que os délios atribuem ao nascimento de Apolo (nascimento). As datas parecem inscrever-se numa áurea de simbolismo, premonição e, de certa forma, até divinização, destacados por Laércio, que, no mesmo sentido, retrata o sonho<sup>10</sup> de Sócrates [3.5], e mesmo a associação da designação da escola platónica ao herói Academo [3.7]<sup>11</sup>.

Em termos gerais, não deverá entender-se esta secção da obra como um testemunho meramente laudatório do Filósofo Ateniense. Na realidade, Diógenes Laércio estende a sua exposição a diversos aspetos da vida de Platão, sem omitir algumas informações menos abonatórias, justificando-se, por tal, a abordagem de certas matérias ainda conservadas séculos após a vida de Platão e referidas por Laércio, contudo frequentemente omitidas no estudo do Filósofo pelos programas de ensino da atualidade, o que deverá conduzir à reflexão sobre a credibilidade de tais alegações.

## 2. Livro III: transmissão

O destaque do Livro III justifica a publicação individual desta secção de *Vidas dos Eminentes Filósofos*.

Dos testemunhos que desde a *editio princeps* de 1533 [Z -

---

<sup>10</sup> Todos os homens são acometidos por sonhos ditos regulares (Artemidoro 1.1: ἐνύπνια. Cf. Aristófanis *Vespae* 1-53), de teor premonitório, ominoso ou informativo quanto a eventos futuros. Contudo, em termos de importância social, os visionamentos mais relevantes são os que atingem pessoas de elevado estatuto, como faraós (e.g. Heródoto 1.34.1-3), gerais (e.g. Heródoto 3.149), tiranos (e.g. Heródoto 5.56), basileis (e.g. Píndaro *Odes Olímpicas* 13.63-90). Pelo cargo que ocupam, são normalmente incitados a desencadear ações (vd. Artemidoro 1.2) com reflexos comunitários, ao contrário do que sucede com o comum dos homens (e.g. *Iliada* 22.18, *Odisseia* 14.462 sq.). Sobre outro sonho premonitório, de cariz metafórico, de Sócrates, vd. Platão *Crito* 44a-b. Cf., sem que Laércio aluda diretamente a alguma ligação, à teoria do conhecimento, fazendo uso do sonho, em Platão *Theaetetus* 101d-202c. Vd. Kissling, 1922; Meyerhoff, 1958; Burnyeat, 1970; Kramer, 1988; Ryle, 1990; Holowchak, 2002.

<sup>11</sup> Cf. comportamento do herói mitológico Academo, que justificaria algum relacionamento pacífico entre atenienses e lacedemónios, por parte dos Dióscoros.

*Raudnitzianus Lobkowicensis* VI Fc 38 s. XV ex.] transmitem a obra de Diógenes Laércio<sup>12</sup>, alguns reportam apenas e de forma individual/separada a *Vita Platonis*. Eis, neste sentido, z - *Laurentianus* 59.1 s. XIV in.; Q - *Parisinus* gr. 1758 s. XIV in. A partir de z, c - *Laurentianus* 85.9 s. XIV in. a - *Ambrosianus* C 47 sup [gr. 179] s. XV; b - *Cesenatensis Malatestianus* D.XXVIII.4 s. XIV in. Partindo de c, m - *Marcianus* gr. 189 [coll. 704] s. XIV; p - *Parisinus* gr. 1417 s. XV med., este originando ba - *Vaticanus Barberinus* gr. 85 s. XV ex. Outrossim, no início do século XX [1907], a edição de *Vita Platonii*, por H. Breitenbach, Basel : Helbing und Lichtenhahn.

### 3. Estilo

A compilação de Diógenes Laércio comporta poucas referências em primeira pessoa, o mesmo equivale a dizer que o autor opta por um

---

<sup>12</sup> Cf. a - *Ambrosianus* C 47 sup (gr. 179) s. XV; A - *Londinensis Arundel*. gr. 531 s. XV; Ambr. - *Ambrosianus* P 80 sup (gr. 630) <pars deperdita> s. XV; Angel - *Angelicus* gr. 2 (C. 4. 23.) s. XV ex.; b - *Cesenatensis Malatestianus* D.XXVIII.4 s. XIV in.; B - *Neapolitanus* III B 29 s. XII; ba - *Vaticanus Barberinus* gr. 85 s. XV ex.; c - *Laurentianus* 85.9 s. XIV in.; C - *Cantabrigensis* col. S. Trinitatis R.9 18/19 (820 James) s.XV/XVI; Co - *Constantinopolitanus Veteris Serail* ms. 80 (48 Deissmann) s.XV in.; D - *Neapolitanus* III B 28 s. XV; E - *Vaticanus Palatinus* gr. 182 s. XV; F - *Laurentianus* 69.13 s. XIII; G - *Laurentianus* 69.28 s. XV; H - *Laurentianus* 69.35 s. XV in.; I - *Marcianus* gr. 394 (coll. 1030) s. XV ex.; J - *Vaticanus Barberinus* gr. 21 s. XVI s. in.; K - *Vindobonensis hist.* gr. 59 ca.1500; Leid - *Leidensis* BPG 41a s. XV; m - *Marcianus* gr. 189 (coll. 704) s. XIV; M - *Marcianus* gr. 393 (coll. 896) s. XIV in.; Ma - *Matritensis* 4676 (126) a. 1462; Matr - *Matritensis* 4621 (78) ca. 1490; Mosq - *Mosquensis Sinod.* 152 (463 Vladimir) s. XV; N - *Monacensis* gr. 159 s. XV; O - *Vaticanus Ottobonianus* gr. 355 s. XIV ex.-XV in., s. XVI ex.; p - *Parisinus* gr. 1417 s. XV med.; P - *Parisinus* gr. 1759 s. XI/XII; Par - *Parisinus* gr. 3019 s. XIV med.; Pg - *Heidelbergensis Palatinus* gr. 129 s. XIV; Q - *Parisinus* gr. 1758 s. XIV in.; R - *Parisinus* gr. 1405 s. XV/XVI; S - *Vaticanus Pal.* gr. 261 s. XV; T - *Vaticanus Urbinas* gr. 109 s. XV; U - *Vaticanus Urbinas* gr. 108 s. XV (ca. 1427?); v - *Vindobonensis phil.* gr. 109 s. XIV med.; V - *Vaticanus* gr. 1302 s. XIV in.; Vg - *Vaticanus* gr. 1898 s. XIV; Vi - *Vindobonensis phil.* gr. 314 a. 925; Vind - *Vindobonensis phil.* gr. 225 s. XV; w - *Vaticanus* gr. 140a s. XIV; W - *Vaticanus* gr. 140 s. XIV; x - *Vaticanus Reginae* gr. 170 s. XVI; X - *Vaticanus Reginae* gr. 103 s. XV/XVI; Y - *Angelicus* gr. 97 (C. 2. 13.) s. XVI in.; z - *Laurentianus* 59.1 s. XIV in.; Z - *Raudnitzianus Lobkowicensis* VI Fc 38 s. XV ex.; A - *Laurentianus* 70.14 ca. 1569-72; B - *Laurentianus* 59.37 s. XV; Γ - *Parisinus* gr. 3025+3026 s. XV; Δ - *Athous Διογουσιου* 90 (3624 Lampros) s. XIV ex.; E - *Neapolitanus* II E 21 s. XV; Λ - *Leidensis* BPL 75 s. XV in. Π - *Parisinus* Suppl. gr. 134 s. XIV; Φ - *Vaticanus* gr. 96 XII s. in.; Ψ - *Vaticanus Palatinus* gr. 93 ante a. 1152. Vd. Tradução de Ambrosius, em 1431, impressa inicialmente em Roma.

estilo simples, repetitivo e, de uma maneira geral, pobre, *mutatis mutandis*, quase jornalístico, quiçá similar a Crisipo [7.181]<sup>13</sup>, no sentido de proporcionar informação reconhecida e creditada, mais do que meras opiniões pessoais.

Diógenes prefere frequentemente escudar-se em opiniões de outras fontes variadas sobre os mais diversos aspetos. Poder-se-ia, à partida, reconhecer a erudição do compilador, pois por norma, Laércio indica a fonte cuja informação cita; noutros casos, generaliza com «conta-se» [e.g. 3.47: φασίiv]. Em certas ocasiões, porém, as fontes seguidas, embora admitida a autoridade da informação, não são nomeadas / individualizadas, como se tais dados fossem de conhecimento comum, ou abordados amiúde [e.g. «dizem», 3.31, 33; «segundo afirmam alguns», 3.29; «Diz-se», 3.20, 35; «alguns referem / atribuem», 3.37. Cf. «Atribuem-lhe também *Epinomis*. Alguns referem», 3.37; «Conta-se /contando-se», 3.6, 38, 47; «Alguns», 3.29, 46, 52, 61; «outros», 3.20, 61]. A quantidade de colagens desprovidas, regra geral, de comentário pessoal, sem hierarquização das fontes, empobrece a obra de Diógenes, tornando-a uma miscelânea acrítica, sem inovação e com algumas incorreções. Por vezes, a partir de diferentes perspetivas alheias, emite uma posição pessoal limitada a um reduzido número de afirmações introduzidas por «a meu ver» [3.48: δοκεῖ δέ μοι]; por vezes utilizando o plural majestático «não desconhecemos» [3.49: Οὐ λανθάvει δ' ἡμᾶς]; «um [epitáfio]<sup>14</sup> de nossa autoria» [3.44: ἔστι καὶ ἡμέτερον]; ou, generalisticamente, «é provável» [3.47: καὶ εἰκός ἔστι].

Claro está que a obra não se reduz a um registo histórico. Nem

<sup>13</sup> Segundo o epicurista Apolodoro de Atenas (Συναγωγὴ τῶν δογματῶν), não obstante os 500 versos diários que Hecatão reputava a Crisipo, tratava-se mormente de um trabalho de compilação: «εἰ γάρ τις ἀφελοὶ τῶν Χρυσίππου βιβλίων ὅσ' ἄλλότρια παρατίθεται, κενὸς αὐτῷ ὁ χάρτης καταλείψεται», «"Caso se retirassem dos livros de Crisipo todas as citações, as suas páginas ficariam em branco"».

<sup>14</sup> Sobre os epitáfios de Platão conservados na tradição manuscrita, vd. Notopoulos, 1942. O *topos* dos epitáfios consagrados a Platão cativa a atenção de Diógenes, que não se limita a veicular textos alheios, mas inclui também algumas linhas de sua autoria, reiterando a importância adscrita ao Filósofo Ateniense.

tampouco se apresenta como um tratado magistral sobre Platão. Na realidade, a seleção de autores citados transmite, desde logo, por um lado, preferências da parte de Diógenes que delega responsabilidade; por outro, permite verificar a opinião generalizada sobre Platão na época, posteriormente conservada em traduções [e.g. para latim, Ambrosius Traversarius, séc. XV]. Assim, o livro de Diógenes mostra-se um testemunho de referência com caráter didático, que possibilita saber um pouco mais sobre o que era conhecido, no início do período medieval, sobre Platão, em termos individuais, com a particularidade de a sua ideologia ter-se revelado importante no âmbito do neoplatonismo, com preponderância no paradigma judaico-cristão.

### 3.1 Fontes

A obra de Diógenes Laércio apresenta-se, ainda assim, preciosa, ao citar fontes perdidas na sua plenitude ou atualmente inexistentes. São diversas as fontes incluídas, por vezes com indicação da obra em causa. Destacam-se as alusões a capítulos, no livro III, que se seguem por ordem alfabética: Anfis<sup>15</sup>, *Ancion* [27], *Dexidemides* [28]; Alcimo [12]. Cf. quatro livros dedicados a Amintas - 9, 17<sup>16</sup>; Leon [?]<sup>17</sup>, *Alción* [61]; Alexandre<sup>18</sup>, *Sucessões* [4, 5]; Alexis<sup>19</sup>, *Meropida* [27], *Olimpiodoro*, *Parasita* [28]; Anaxilides<sup>20</sup>, *Dos Filósofos* II [2]; Anaxandrides<sup>21</sup>, *Teseu* [26]; Anaxilas<sup>22</sup>, *Botrylion*, *Circe*, *Ricas* [28]; Antígono Caristo<sup>23</sup>, *De*

<sup>15</sup> Poeta cómico do século IV a.C.

<sup>16</sup> Desconhece-se a identidade do autor referido por este nome: se seria o mesmo aludido em DL 9, como autor de Πρὸς Ἀμύνταν, ou se o retórico grego de c. IV a.C. (cf. 2.114)

<sup>17</sup> Leon de Bizâncio, autor grego, discípulo de Platão ou Aristóteles, no séc. IV a.C.

<sup>18</sup> Alexandre Poliistor, natural de Éfeso, discípulo de Crates, séc. II/I a.C.

<sup>19</sup> Autor cómico grego, séc. IV a.C.

<sup>20</sup> Autor do séc. I a.C. Cf. Anaxilau de Larissa.

<sup>21</sup> Autor grego da Comédia Média, no séc. IV a.C.

<sup>22</sup> Autor grego de Comédia Média, séc. IV a.C.

<sup>23</sup> Autor de biografias de filósofos, no séc. III a.C.



Zenão [66]; Antileo<sup>24</sup>, *Dos tempos* II [3]; Antístenes<sup>25</sup> [35], *Sathon* [35]; Apolodoro<sup>26</sup>, *Crônicas* [2]; Aristipo<sup>27</sup>, *Luxos Antigos* IV [29]; Aristóxeno<sup>28</sup> [8, 37]; Aristóteles<sup>29</sup> [37, 109], *Dos Poetas* I [48]; Timóteo<sup>30</sup>, *Sobre Vidas* [5]; Atenodoro<sup>31</sup>, *Dos Peripatos* VIII [3]; Camaleão<sup>32</sup> [46]; Clearco<sup>33</sup>, *Encômio de Platão* [2]; Cratino<sup>34</sup>, *Falso Suposto* [28]; Dicearco<sup>35</sup> [38, 46], *Sobre Vidas* I [4]; Epicarmo<sup>36</sup> [13, 15]; Espeusipo<sup>37</sup>, *Sobre as Exéquias de Platão* [2]; Euforion<sup>38</sup> [37]; Eupolis<sup>39</sup>, *Sem Serviço* [7]; Eurípides, *Licimnio* [63] Favorino<sup>40</sup> [37]; *Miscelânea* [3], *Varia historia* [19], *Memorabilia* [48], I [20, 25], III [40], V [61]; *Historia Varia* II [57], VIII [24]; Heraclides<sup>41</sup> [26]; Hermipo<sup>42</sup> [2]; Hermodoro<sup>43</sup>

---

<sup>24</sup> Antileon Historicus, autor grego, séc. IV a.C.

<sup>25</sup> Filósofo grego, séc. V a.C. Cf. Cinismo.

<sup>26</sup> Autor ateniense do séc. II a.C.

<sup>27</sup> Autor de Cirene, séc. V/IV a.C.

<sup>28</sup> Filósofo grego, natural de Tarento, séc. IV a.C.

<sup>29</sup> Filósofo estagirita, séc. IV a.C., discípulo de Platão.

<sup>30</sup> Biógrafo ateniense. Cf. 4.4.

<sup>31</sup> Estoico, séc. III a.C. Cf. 5.36, 6.81, 9.42.

<sup>32</sup> Filósofo peripatético, séc. IV a.C./III a.C.

<sup>33</sup> Filósofo grego, séc. V a.C.

<sup>34</sup> Cômico ateniense, séc. VI/V a.C.

<sup>35</sup> Filósofo grego, séc. IV/III a.C.

<sup>36</sup> Filósofo e dramaturgo, séc. VI/V a.C.

<sup>37</sup> Sobrinho de Platão, filósofo grego da Academia, séc. V/IV a.C.

<sup>38</sup> Autor do séc. III a.C., discípulo de Lacides de Cirene e de Prítanis.

<sup>39</sup> Escritor ateniense de Comédia Antiga, séc. V a.C.

<sup>40</sup> Sofista romano, natural de Arelate, séc. I/II.

<sup>41</sup> Autor do séc. IV a.C. Cf. 5.6.86.

<sup>42</sup> Peripatético, natural de Esmirna, séc. III a.C.

<sup>43</sup> De Siracusa, séc. IV a.C.

[6]; Homero<sup>44</sup> [7]; Idomeneu<sup>\*45</sup> [36]; Criton<sup>\*46</sup> [36]; Ésquines<sup>\*47</sup> [36]; Mironiano<sup>48</sup>, *Paralelos* [40]; Mólón<sup>49</sup> [34]; Neantes [Ciziceno]<sup>50</sup> [3, 4, 25]; Onetor<sup>51</sup> [9]; Aristófanes gramático<sup>52</sup> [61]; Pânfila<sup>53</sup>, *Memorabilia* XXV [23]; Panécio<sup>54</sup> [37]; Polemon<sup>55</sup> [46]; Praxifanes [8]; Sabino, *Subsídios para a Crítica* IV [46]; Protágoras, *Controvérsias* [37]; *Sátiro* [9]; Mnesistrato Tasio<sup>\*</sup> [47]; Teopompo<sup>56</sup> [40], *HEDUCHARE* [26]; Timon<sup>57</sup> [7, 26]; Trasiló<sup>58</sup> [1, 56, 57, 61]; Seleuco Gramático, *Da Filosofia* I [109]; Xenofonte<sup>59</sup>, *Instituição de Ciro* [34], *Simpósio* [34], *Defesa de Sócrates* [34], *Memorabilia/Tratados morais*, livro III [34].

Em termos gerais, as fontes antecedem em diversos séculos Diógenes Laércio, o que denota a bibliografia disponível na época, assim como o nível de reputação que era atribuído a Platão. As fontes em causa pertencem ao panorama helénico e muitas são contemporâneas do Filósofo, facto que, se, por um lado, acarreta uma certa familiaridade e proximidade relativamente ao assunto, o que, de outra forma não seria

---

<sup>44</sup> Sobre a(s) questão (ões) dita (s) homérica(s), designadamente a propósito do(s) autor(es) e da datação, vd. Wolf, 1795; Scott, 1921; West, 2011. Platão, por seu turno, não reportava dúvidas quanto à existência e funcionalidade de Homero (Platão *Symposium* 3.5-6. Cf. *Respublica* 606e-607a).

<sup>45</sup> Autor do séc. III a.C.

<sup>46</sup> Autor do séc. II a.C.

<sup>47</sup> Orador ático, séc. IV a.C.

<sup>48</sup> Autor natural de Amastría.

<sup>49</sup> Retórico grego, séc. III/I a.C.

<sup>50</sup> Autor grego, séc. III a.C.

<sup>51</sup> Cf. Discursos de Demóstenes séc. IV a.C.

<sup>52</sup> Natural de Bizâncio, séc. III/II a.C.

<sup>53</sup> Natural de Epidauró, séc. I a.C./I d.C.

<sup>54</sup> Filósofo estoico natural de Rodas, séc. II a.C.

<sup>55</sup> Filósofo platónico, natural de Atenas, séc. III a.C.

<sup>56</sup> Historiador grego, natural de Quios, do séc. IV a.C.

<sup>57</sup> Filósofo céptico de Fliunte, séc. III/II a.C.

<sup>58</sup> Trasiló de Mendes ou de Alexandria, gramático grego, séc. I a. C./I. Cf. Hermann 1874.

<sup>59</sup> Filósofo socrático, de Atenas, séc. V/IV a.C., contemporâneo de Platão.

possível; por outro, carece de alguma objetividade que análises posteriores possibilitam.

#### 4. Estrutura

Pode dizer-se que se delinea uma estrutura de contornos tripartidos no terceiro livro<sup>60</sup>. Assim, factos da esfera privada de Platão [1-45]; da área profissional [46-109]; remate de desambiguação onomástica fugaz, superficial e com intuito didático de esclarecer e evitar uma possível confusão do filósofo Platão com outras figuras homónimas, a saber, Platão ródio; Platão peripatético; Platão, discípulo de Aristóteles; Platão, discípulo de Praxífanos; Platão, poeta da Comédia Antiga [119].

Primeiramente, Diógenes Laércio disponibiliza informações biográficas basilares de âmbito alargado, desde o nascimento à morte, respeitantes a família [1,2,4]; origem [3]; morte [3], incluindo alusões *post mortem* [designadamente epitáfios: 43-45; testamento: 41-43]; ocupações [6, 18] / estudos iniciais [6] / cariz inventor [24,25. Cf. 18]; Academia e influências filosóficas [7-17]; viagens [18-24]. Constatam-se, outrossim, alusões pontuais dispersas neste módulo inicial, concernentes ao carácter/amizades/inimizades/reverência do Filósofo.

Uma segunda secção prende-se com uma fase de maior maturidade, normalmente associada a Platão, autor de diálogos e filósofo [47-51], seguindo-se a descrição de alguns dogmas/princípios fundamentais [51-109]. A partir de 3.51, Diógenes dá início à exposição de *dógmata* platónicos, proporcionando ao leitor um suposto conhecimento de Platão mediado por leituras distintas e avisadas:

Ἐπεὶ δὲ πολλὴ στάσις ἐστὶ καὶ οἱ μὲν φασιν αὐτὸν  
δογματίζειν, οἱ δ' οὐ, φέρε καὶ περὶ τούτου διαλάβωμεν.

<sup>60</sup> Sobre considerações respeitantes à divisão do livro III entre secções de vida e de doutrina, vd. Brisson, 1992.

αὐτὸ τοίνυν τὸ δογματίζειν ἐστὶ δόγματα τιθέναι ὡς τὸ νομοθετεῖν νόμους τιθέναι.

Contudo, porque é muito controversa a opinião dos que afirmam que ele<sup>61</sup> apresentou dogmas, e outros que não, trataremos também este assunto. Na realidade, cabe ao dogmático estabelecer dogmas, assim como ao legislador estabelecer leis.

Assim, sobretudo entre 3.67-108 (Τὰ δὲ ἀρέσκοντα αὐτῷ ταῦτα ἦν «As [doutrinas] aprovadas por ele eram estas»), o compilador expõe uma condensação de dogmas platônicos, omitindo referências externas nessas observações da sua lavra, cuja leitura facilita e agiliza ainda mais, ao colocar um epílogo-síntese linear no final de cada item temático [cf. «Concluindo / Assim», 3.74]. Sem muito desenvolvimento, fica expressa uma quantidade apreciável de ideologias agrupadas por temas. Essa segunda parte mostra-se breve. Em termos formais, Diógenes serve-se de uma dedicatória com contornos e prólogo para marcar a suposta delimitação.

#### 4.1. Dedicatória

Na sua globalidade, a obra é dedicada a uma figura feminina desconhecida, a quem o autor se dirige em duas ocasiões, designadamente em 3.47 e, posteriormente, em 10.29. Neste último passo do livro versado em Epicuro, a alusão a um destinatário é pontual,

---

<sup>61</sup> [Platão].

destacando-se o intuito didático subjacente ao escrito<sup>62</sup>. De facto, tais linhas reforçam o entendimento do carácter pedagógico de uma obra que, mais do que afirmativa e expositiva da opinião do seu autor, funcionava como um manual reduzido, qual livro de bolso, curto e superficial, com episódios anedóticos dos filósofos em causa.

Embora se desconheça a identidade do destinatário, seria, a julgar pelo tratamento do autor, uma mulher interessada em ampliar os seus conhecimentos especificamente relativos a Platão, por quem nutria um gosto particular<sup>63</sup>.

O interesse do género feminino por filosofia não reflete uma novidade tardia, a considerar válida a informação contemplada por Diógenes [46] quanto à existência de duas mulheres entre os discípulos de Platão: Lastenia Mantineense e Axiota Flasia. O destaque de figuras femininas na esfera da filosofia, enquanto praticantes ou meras

---

<sup>62</sup> Cf. D.L. 10.29: θήσομεν δὲ καὶ τὰς Κυρίας αὐτοῦ δόξας καὶ εἴ τι ἔδοξεν ἐκλογῆς ἀξίως ἀνεφθέγγθαι, ὥστε σὲ πανταχόθεν καταμαθεῖν τὸν ἄνδρα κἂν κρίνειν εἶδέναι. «Indicarei também as suas máximas, bem como afirmações suas que mereçam ser citadas, para que possas estudar o filósofo de todas as formas e julgá-lo.» Avalie-se, outrossim, o termo ὑπομνήμα (vd. Tucídides 2.44.2, 4.126.1), com o sentido de 'lembrete', para aplicar, de certa forma, ao teor da obra de Laércio, enquanto apontamento didático sem grande polimento literário (cf. Platão *Theaetetus*. 143a), a ser usado para *commentarii* ou outros usos literários mais elaborados (*ornatius*: Cícero *Epistulae ad Atticum* 2.1.2). Cf. Ἱστορικὰ ὑπομνήματα, de Eufóron (vd. o mesmo título em autores como Teofrasto, Aristóxeno, Estrabão).

<sup>63</sup> Veja-se, neste sentido, 3.47: Φιλοπλάτωνι δὲ σοι δικαίως ὑπαρχούσῃ καὶ παρ' ὄντινον τὰ τοῦ φιλοσόφου δόγματα φιλοτίμως ζητούσῃ ἀναγκαῖον ἡγησάμην ὑπογράψαι καὶ τὴν φύσιν τῶν λόγων καὶ τὴν τάξιν τῶν διαλόγων καὶ τὴν ἔφοδον τῆς ἐπαγωγῆς, ὡς οἶόν τε στοιχειωδῶς καὶ ἐπὶ κεφαλαίων, πρὸς τὸ μὴ ἄμειβεῖν αὐτοῦ τῶν δογμάτων τὴν περὶ τοῦ βίου συναγωγὴν: γλαῦκα γὰρ εἰς Ἀθήνας, φασίν, εἰ δέη σοι τὰ κατ' εἶδος διηγεῖσθαι. «Sendo tu, com muita razão, sua admiradora, e porque desejas saber as doutrinas deste filósofo, mais do que os outros que há, julguei necessário escrever sobre a natureza dos seus discursos, da disposição dos diálogos e da abordagem indutiva, tanto quanto possível, aludindo a tudo apenas de modo elementar e sumariamente, de modo a que não falte informação sobre as suas doutrinas e da sua vida que registo. Seria como levar corujas a Atenas, como se diz, se te explicasse tudo pormenorizadamente.»

simpatizantes de vários autores<sup>64</sup>, de entre os quais também Platão, não deverá entender-se como uma 'rebelião feminista', face a princípios misóginos que marcavam as sociedades da Antiguidade Clássica. Tal presumiria algum conhecimento que a mulher teria de Platão, da classificação dos diálogos de Platão ou quiçá tenha sido um expediente retórico ou talvez o público mais culto a quem se destinava a obra teria conhecimentos basilares que não justificavam grandes delongas repetitivas, para não ser entediantemente redundante [cf. paralelismo<sup>65</sup> 'oferecer uma coruja a Atenas'].

## 5. A figura de Platão

Ainda que o livro III assuma abordar, de entre os eminentes filósofos gregos, Platão, não deverá entender-se como um tratado

---

<sup>64</sup> Eis também Árria, outra admiradora do Filósofo, mencionada por Galeno (*De Theriaca, ad Pisonem* 14.218: τὴν δὲ πάντα μοι φιλάτῃ Ἀρρίαν, καὶ αὐτὴν ὑπ' αὐτῶν ἐξόχως ἐπαινουμένην, διὰ τὸ φιλοσοφεῖν ἀκριβῶς, «caríssima Árria, muito admirada por todos, devido ao seu rigor filosófico e ao seu grande apreço pelas obras de Platão»). Cf., similarmente, Júlia Domna (cf. Septímio Severo), imperatriz romana (séc II/III) que ordenou a Filóstrato a composição da vida de Apolónio de Tiana; Júlia Mamaea (séc. II/III). Em termos tradicionais, a mulher surgia votada a um papel passivo e secundário. Refletindo a concepção misógina e passiva em geral atribuído do género feminino na Grécia antiga, desde o sistema educativo, ao desempenho e consideração sociais, Hesíodo não apenas apresenta a mulher, concretizada, no seu início, em *Trabalhos e Dias*, na figura de Pandora, como um castigo e uma afetação para o homem; mas também o casamento como um processo de instrução, no qual a figura dominante é masculina. Este dissídio de cariz sexual, com implicações ao nível do poder e da dominação, abarcava a esfera divina. Vd. Arthur, 1983; Levine, 1994, p. 72-110. Era marginalizada na esfera político-social e fragilizada em termos individuais, conforme retratavam as ciências médicas (Hipócrates *Περὶ Παρθενίων*: ἀθυμότερῃ γὰρ καὶ ὀλιγωτέρῃ ἢ φύσιν ἢ γυναικείῃ, «por natureza, a mulher tem um cariz mais fraco, menos coragem [do que o homem]»). A filosofia viria a reforçar tal ideia. Importa, pois, neste sentido, considerar a propriedade reconhecida à voz de Aristóteles, o qual acentua um tom considerado misógino aos olhos da atualidade, quando menciona a mulher como uma deficiência recorrente da Natureza (Aristóteles *de Generatione Animalium* 775a): ἀσθενέστερα γὰρ ἐστὶ καὶ ψυχρότερα τὰ θήλεα τὴν φύσιν, καὶ δεῖ ὑπολαμβάνειν ὥσπερ ἀναπηρίαν εἶναι τὴν θηλυτῆτα φυσικὴν, «Porque as mulheres são mais fracas e mais frias na sua natureza, deveríamos olhar para o estado feminino como uma deformidade, ainda que ocorra no curso normal da Natureza.»

<sup>65</sup> A respeito de possíveis raízes minoicas e micénicas na associação da coruja a Atena, vd. Pottier, 1908; Nilsson, 1950; Kinsley, 1989, p. 141.

histórico biográfico, nem tampouco como um registro diarístico, ainda que se deleguem informações básicas e generalistas sobre a vida de Platão. Figura multifacetada, conjugava diversos saberes, desde as primeiras letras (escola de Dionísio), ginástica (com Aríston de Argos)<sup>66</sup>, poesia (ditirambos, poesia lírica, tragédias). Também seria possível que Platão tenha escrito poesia, alguma na sua juventude, para amantes imaginários.

Enquanto filósofo, destaca-se a sua presença inicial na Academia; no jardim, em Colono, seguindo Heraclito; Sócrates; Crátilo, o heraclita<sup>67</sup>; Hermógenes, seguidor de Parménides. Aos vinte e oito anos, acompanhou Euclides, em Mégara, juntamente com alguns discípulos de Sócrates. Inicialmente, a figura de Platão retratada parece inscrever-se na filosofia cética, por aproximação de Heraclito<sup>68</sup> e Crátilo. De seguida, os seus dogmas expressam princípios estoicos e aristotélicos, distinção essa fundamental para os critérios de Diógenes [1.16-17]. Seguidamente, a leitura do Compilador realça o pendor estoico e aristotélico. Considerando a existência de três tipos de filosofia [cf. Sexto Empírico, Esboços 1: dogmáticos, como Aristóteles, Epicuro; acadêmicos, como Carnéades, céticos]: a que manifesta, a que refuta, a que suspende [cf. Céticos, não aderindo a verdades pré estabelecidas e mantendo respeito e as suas opiniões/costumes], Platão adota três atitudes na sua prática filosófica. Designadamente, manifesta, refuta, suspende<sup>69</sup>, perfilhando três práticas distintas [cf. Sexto Empírico, Esboços Pirrónicos 1] e três tipos de filósofos: dogmáticos, que já descobriram o verdadeiro - Aristóteles, Epicuro e os estoicos; acadêmicos, para os quais o verdadeiro é inacessível - Clitómaco e Carnéades; céticos, os quais continuam a

---

<sup>66</sup> De Aríston recebeu a designação de “Platão”, ou quiçá pelo seu estilo, ou pela sua testa.

<sup>67</sup> Cf. Aristóteles *Metaphysica* 987a 29-34, denotando a influência de Heraclito e Crátilo sobre Platão.

<sup>68</sup> Cf. 8.91, Heraclito sem escola definida. 9.1-17, Heraclito disperso, dogmático.

<sup>69</sup> Cf. D.L. 1.3: pesquisadora [*zetetike*], e examinadora; suspensiva [*ephektike*]; aporética [*aporetike*] -dubitativa; pirrónica [*pyrroneios*], a exemplo de Pirro.

procurar. Prosseguindo uma lógica trinitária, poderá encarar-se, *mutatis mutandis*, um paralelo entre o número de partes da filosofia [desde os pré-socráticos, socráticos, Platão, de uma a três partes: física, ética, lógica [dialética]], o número de personagens no teatro [desde Téspis, Ésquilo, Sófocles], e daí também o uso de personagens por Platão. Heraclito corresponde à física; os pitagóricos, ao inteligível; Sócrates à ética-política. Sumariamente, Platão parece de certo modo eclético<sup>70</sup>, ao conjugar princípios defendidos por Heraclito, sobretudo no tocante à física; pelos pitagóricos, no inteligível; por Sócrates, no âmbito ético-político.

Em termos de contactos, em Cirene, Teodoro matemático; em Itália, filósofos pitagóricos (Filolau e Eurito); no Egito, intérpretes divinos. Em Atenas, viveu na Academia; empreendeu três viagens a Sicília. Sobressai igualmente como introdutor do argumento através de pergunta e resposta, em termos de discussão filosófica.

Porém, o retrato de conjunto constrói uma persona Platão, que Diógenes humaniza, no sentido de apresentar Platão como um ser humano, naturalmente detentor de virtudes, mas também de pontos menos valorosos. Assim, enaltece alguns aspetos de historicidade discutível, alguns nobilitantes, justificativos da reverência que era prestada [em vida e post mortem] a essa figura polifacetada; porém, não se imiscui de retratar pendores mais críticos, bem como passagens peculiares. Neste sentido, poderão similarmente interpretar-se os diversos episódios (*anecdota*, ἀνέκδοτα) alegadamente da vida pessoal de Platão, que Diógenes mostra no livro, como um certo olhar crítico<sup>71</sup> escudado

<sup>70</sup> Cf., similarmente, a alusão de Aristóteles *Metaphysica* 6.987a29-b7.

<sup>71</sup> Pese embora o destaque proporcionado por Diógenes, na sua obra, ao Filósofo da Academia, em detrimento de outros pensadores antigos, extremamente sumariados, tais reflexões não denunciam necessariamente as preferências ideológicas de Diógenes, autor obscuro em múltiplos domínios, desde o nome próprio, à origem, à época, e também em termos ideológicos, revelando-se abusivo e erróneo inscrevê-lo simplesmente entre os adeptos fervorosos de Platão ou das ideologias defendidas pelo Filósofo. Convém, igualmente, ter presente que a obra não constitui um manual de filosofia, mas, qual livro de bolso, detém somente conhecimentos básicos para guiar um leitor.



sob fontes que menciona, todavia capazes de evidenciar o princípio de que, também no caso de Platão, professar certas doutrinas não implica uma correspondência entre a doxografia platônica<sup>72</sup> expressa na segunda parte do livro III e a sua biografia<sup>73</sup>.

### 5.1. *Carácter*

Laércio apresenta uma *persona* platônica, 'dessacralizando' o ícone filosófico associado a ideologias que se mostraram perenes. Na realidade, conjugam-se traços que cativam afabilidade para com a figura retratada e outros que reúnem razões de discórdia, raiva e ataque. Neste conjunto, destacam-se posições antitéticas e até contraditórias, que poderão refletir nuances realistas, ou quiçá contradições naturais de um compilador que reúne posições diferenciadas.

#### 5.1.1 *Generalidades*

São diversas as matizes da *persona* plautina. Laércio faculty diversos comentários e críticas [3.24-29], que, no seu caso, traduzem rumores correntes, já então impossíveis de confirmar e que, em certos aspetos, se contradizem. De um lado, a inutilidade dos seus

---

<sup>72</sup> Não existindo então histórias da filosofia nos termos atuais, sobre doxografia, vd., proximamente, Diels, 1879, afastando-se da biografia. Cf., ainda na antiguidade tardia, obras de Sexto Empírico (séc. II), Tertuliano (c. 200), Sorano (c.100), Eliano (séc. I), Galeno, Estobeu. Diógenes Laércio cultiva também um género helenístico, com *Sucessões de Filósofos* (Φιλοσόφων διαδοχαί), já experimentado por Sotion (séc. II a.C.), comportando informações várias, desde Tales, jónicos e socráticos, incluindo a Academia, Peripatos, Cínicos, Pitágoras, Eliáticos, começando com Xenófanes, Atomistas, Pirronistas, Epicuristas.

<sup>73</sup> Vd., em termos gerais, a máxima 'faz como eu digo, não como eu faço'. Cf., a propósito, Espeusipo (4.1), sobrinho de Platão, que seguia as doutrinas platónicas, mas não partilhava o seu carácter.

conhecimentos; hábito de passear; morosidade; tagarelice<sup>74</sup>, irritação<sup>75</sup>; algum descontrole, manifestado em emoções expressas designadamente por choros ruidosos e abundantes<sup>76</sup>. De outro, também capacidade de demonstrar amizade [3.24]<sup>77</sup>; contenção<sup>78</sup>; modéstia [3.26]<sup>79</sup> e humildade<sup>80</sup>; preferência pelo isolamento, deplorando atos exibicionistas,

<sup>74</sup> Cf. Alexis, 3.31.

<sup>75</sup> Cf. Notícia contemplada por Laércio [9.40], citando Aristóxeno [fr. 131 Wehrli], a propósito dos intentos destruidores de Platão, não houvesse dois Pitagóricos (Amiclas e Clínias) argumentado com a impossibilidade de reunir o elevado número de cópias em circulação. Expressa assim oposição a Demóstenes e alguma inveja: Ἀριστόξενος δ' ἐν τοῖς Ἱστορικοῖς ὑπομνήμασι φησι Πλάτωνα θελήσαι συμφλέξει τὰ Δημοκρίτου συγγράμματα, ὅποσα ἐδυνήθη συναγαγεῖν, Ἀμύκλαν δὲ καὶ Κλεινίαν τοὺς Πυθαγορικοὺς κωλύσαι αὐτόν, ὡς οὐδὲν ὄφελος: παρὰ πολλοῖς γὰρ εἶναι ἤδη τὰ βιβλία. «Aristóxeno, nas suas *Notas Históricas*, refere que Platão pretendia queimar os escritos de Demócrito que conseguisse reunir, todavia os pitagóricos Amiclas e Clínias impediram-no, dizendo que não teria proveito nisso, pois os livros tinham grande circulação.»

<sup>76</sup> Cf. *anecdota* 107.

<sup>77</sup> Designadamente para com Cabrias. Vd. defesa de Sócrates [3.20]

<sup>78</sup> De facto, Platão recusa, em fúria, punir os seus escravos. Vd. *Platonica, anecdota* 113a–b. Cf. Ateneu 11.5061–507b, a partir de Pontiano, acerca da condenação platónica sobre bebida sem contenção (e.g. *Leges* 6).

<sup>79</sup> Cf. Eliano *Varia Historia* 8.13. Vd. *Platonica, anecdota* 106. Este carácter é igualmente retratado por autores como Eliano *Varia Historia* 3.19, onde aponta razões de dissídio entre Platão e Aristóteles, relativas ao exibicionismo aristotélico repreendido por Platão, facto que justificou o seu afastamento: λέγεται τὴν διαφορὰν Ἀριστοτέλους πρὸς Πλάτωνα τὴν πρώτην ἐκ τούτων γενέσθαι. οὐκ ἠρέσκειτο τῷ βίῳ αὐτοῦ ὁ Πλάτων οὐδὲ τῇ κατασκευῇ τῇ περὶ τὸ σῶμα. καὶ γὰρ ἐσήθη ἐχρητὸ περιέρχῃ ὁ Ἀριστοτέλης καὶ ὑποδέσει, καὶ κουρὰν δὲ ἐκέριτο καὶ ταύτην ἀήθη Πλάτωνι, καὶ δακτυλίους δὲ πολλοὺς φορῶν ἐκαλλύνετο ἐπὶ τούτῳ: καὶ μωκία δὲ τις ἦν αὐτοῦ περὶ τὸ πρόσωπον, καὶ ἄκαρος στομυλία λαλοῦντος κατηγορεῖ καὶ αὐτὴ τὸν τρόπον αὐτοῦ. πάντα δὲ ταῦτα ὡς ἔστιν ἀλλότρια φιλοσόφου, δῆλον. ἅπερ οὖν ὁρῶν ὁ Πλάτων οὐ προσίετο τὸν ἄνδρα, προετίμα δὲ αὐτοῦ Ξενοκράτην καὶ Σπεύσιππον καὶ Ἀμύκλαν καὶ ἄλλους «Diz-se que o primeiro dissídio entre Aristóteles foi causado pelo seguinte: Platão não aprovou a sua vida e os seus costumes, porquanto Aristóteles usava ricos ornamentos e sapatos, e cortou o cabelo de uma forma que não era usada por Platão. Também envergava muitos anéis para enfeite, tinha um ar ridículo e um discurso peremptório – tudo inapropriado para um filósofo. Ao ver isto, Platão rejeitou-o e preferiu Xenócrates, Espeusipo, Amiclas, entre outros.»

<sup>80</sup> Vd. *Platonica, anecdota* 112, referindo-se o episódio no qual Platão participara incógnito num passeio e convívio em Olímpia.

quer de outrem<sup>81</sup> quer dele próprio<sup>82</sup>. E ainda assim, gostava que os outros o distinguíssem e diferenciássem<sup>83</sup>, o que contraria a sua oposição ao τῦφος, ' vaidade'<sup>84</sup>, embora por vezes mostrasse falta de reconhecimento e gratidão pelo recebido<sup>85</sup>. Também contraditório é o caráter, ora cético, ora dogmático da sua filosofia. Muitas críticas podem considerar-se fruto de alas facciosas, de adversários do autor, mas outrossim de indivíduos que participavam do seu círculo, designadamente Sócrates<sup>86</sup>, que o acusa de ser mentiroso<sup>87</sup> e critica também alguma da sua obra<sup>88</sup>, bem como certos comportamentos/ atitudes<sup>89</sup>; também Aristóteles<sup>90</sup>, com suposta intenção de destruir a obra de Platão<sup>91</sup>.

Porém, no outro sentido, Platão também se manifesta, tanto contra antecessores [3.25: πρῶτός τε ἀντειρηκῶς σχεδὸν ἅπασι τοῖς «foi o primeiro a atacar quase todos os seus antecessores»], como contra

<sup>81</sup> Cf. quiçá também com laivos de alguma inveja, pelo protagonismo que Aniceris de Cirene estava a obter graças a Platão, no desfile organizado após o pagamento do seu resgate. Vd. Eliano *Varia Historia* 2.27.

<sup>82</sup> Cf. 3.39, retratando-se a sua recusa em montar um cavalo, por forma a evitar sinais de orgulho. Vd. *Platonica, anecdotum* 111.

<sup>83</sup> Vd. *Platonica, anecdotum* 109. Cf. Séneca *De Beneficiis* 6.18.1; Eustácio *Commentarii ad Homeri Odysseam* 4.401.

<sup>84</sup> Para esta aparente incongruência comportamental, vd. Eliano *Varia Historia* 4.9, opondo-se aos relatos dos *anecdota* 111, 108, 57. Na realidade, no *anecdoton* 140, Platão é o centro das atenções em Olímpia.

<sup>85</sup> Platão também parece ter sido objeto do inverso, por parte de Filipe que, não obstante o apoio de Platão, usava linguagem injuriosa, ao referir-se ao Filósofo [Ateneu 11.115],

<sup>86</sup> Cf. Ateneu 11.507c.

<sup>87</sup> Cf. Górgias e Fedro, que não se reveem nos diálogos platónicos com os seus nomes, donde a crítica com pendor irónico de Timon [*fr. 52 W*]: ὡς ἀνέπλαττε Πλάτων ὁ πεπλασμένα θαύματα εἰδώς. «Como o ilustrado Platão inventou maravilhas fantasiosas», segundo Ateneu 11.113.

<sup>88</sup> Cf. 3.35, a propósito de *Lísis*.

<sup>89</sup> Cf. Ateneu 11.116, que reporta uma visão que Sócrates terá divulgado. O sonho em causa não fora descabido, no parecer de Ateneu (οὐκ ἀηδῶς περὶ αὐτοῦ), ainda assim distinto do descrito por Laércio [3.5]. Platão, na forma de corvo, rasparia a careca de Sócrates. Segundo interpretação do mestre, Platão haveria de dizer muitas coisas falsas sobre a sua cabeça (πολλὰ κατὰ τῆς ἐμῆς ψεύσεσθαι κεφαλῆς).

<sup>90</sup> Cf. Ebulides, *testimonium* 58F Düring.

<sup>91</sup> Cf. 10.25, Hermarco e a obra Πρὸς Πλάτωνα, *Contra Platão*.

contemporâneos, designadamente comediógrafos de então<sup>92</sup> (viz. Ésquines de Efesto, Antístenes<sup>93</sup>, Isócrates, Xenofonte<sup>94</sup>), colegas-discípulos socráticos<sup>95</sup>, sofistas, entre diversos outros<sup>96</sup>, o que poderá, semelhantemente, resultar de inveja<sup>97</sup>, justificando que Platão nunca os mencione (e.g. Xenofonte, Ateneu 11.112; Demócrito, D.L. 9. 40).

<sup>92</sup> Vd. 3.26–28, sobretudo da Comédia Média, com Teopompo [FCG 2.796], Anaxandrides [FCG 2.170], Timon [FCG 6.25], Alexis [FCG 3.451, 4555, 468, 382], Ânfs [FCG 3.302, 305], Cratino [3.378], Anaxilas [FCG 3.342–352], Efpo. Cf. Ateneu 2.59c.

<sup>93</sup> Vd. 6.3. As acusações parecem ter sido de parte a parte. Cf. Ateneu 11.115: ἀλλὰ μὴν οὐδ' Ἀντισθένη ἐπαινῶ: καὶ γὰρ καὶ οὗτος πολλοὺς εἰπὼν κακῶς οὐδ' αὐτοῦ τοῦ Πλάτωνος ἀπέσχετο «Também não louvo Antístenes, pois ele, tendo ofendido muitos homens, não evitou sequer o próprio Platão.»

<sup>94</sup> Segundo 3.34, Platão e Xenofonte não se davam bem, ainda que com obras paralelas, como *Symposium*, *Defesa de Sócrates*, *Memorabilia* e, *mutatis mutantis*, *República*, de Platão e *Ciropedia*, de Xenofonte. E Laércio, neste caso, segue a generalidade, colocando a tónica de desarmonia (εὐμενῶς) em Xenofonte: εἶκοι δὲ καὶ Ξενοφῶν πρὸς αὐτὸν ἔχειν οὐκ εὐμενῶς. «Parece que Xenofonte não se dava bem com ele [Platão].»

<sup>95</sup> Qual μητριὰ. Cf. Ateneu 11.116, 507c.

<sup>96</sup> Cf., neste sentido, Ateneu 11.115: ἐπιλίτοι δ' ἄν με ἡ ἡμέρα, εἰ πάντας ἐθελήσαιμι ἐπελθεῖν τοὺς κακῶς ἀκούσαντας ὑπὸ τοῦ σοφοῦ. «Faltar-me-á o dia, se me inclinasse a listar os nomes de todos os que foram ofendidos pelo sábio [Platão].» Sobre outros nomes atacados por Platão, Ateneu 11.112 apresenta Trasímaco da Calcedónia (também pelo nome, exercendo Platão um comportamento similar ao de Antístenes, com σάθων. A respeito do assunto, Platão segue o princípio avançado em *Cratylus*, partindo do recorrente mote *nomen [est] omen*. No caso, θρασύμαχος: θρασὺς, 'audacioso' - μάχομαι, 'lutar, disputar'), Hippias, Górgias, Parménides; outros ainda referidos em *Protágoras*. A propósito da consideração do princípio *nomen omen*, vd. Aristófanes *Nubes* 60–77; Platão *Cratylus* 435e. Cf. Kretzmann, 1971; Williams, 1982.

<sup>97</sup> Sobre a ζηλοτυπία de Platão, vd. Ateneu 11.112, face a Xenofonte. Também em *Ion*, *Menon*, Περὶ Ἀνδρείας, *Symposium*, aludindo a poetas e cidadãos conhecidos (e.g. todos os poetas, Meno, Dionisiodorus, Melésias, Alcibiades, Fanostenes de Andros, Apolodoro de Cízico, Heraclides de Clazómenas, Aristides, Temistocles, Péricles, Lisímaco, Clemis (irmão de Alcibiades), filhos de Péricles, Meidias), segundo relata Ateneu 11.114, afirmando aspetos acerca de Péricles e Lisímaco, em *Symposium*, que não são dignos de serem trazidos à luz do dia (ἃ δὲ περὶ Ἀλκιβιάδου εἴρηκεν ἐν τῷ Συμποσίῳ οὐδ' εἰς φῶς λέγεσθαί ἐστιν ἄξιον). Em suma, Platão era pernicioso (ἔτι δὲ καὶ δυσμενὴς ἦν πρὸς ἅπαντας «era hostil para com todos»). Criticava pessoas por atitudes que ele próprio também tomava (e.g. Aristipo, por visitar Dionísio na Sicília, quando ele o fez 3 vezes), segundo Hegesandro (Ἠγήσανδρος δὲ ὁ Δελφός ἐν τοῖς Ὑπομνήμασι περὶ τῆς πρὸς πάντας τοῦ Πλάτωνος κακοηθείας λέγων «o Delfico Hegesandro, nos seus *Comentários*, falando da má natureza de Platão para com todos»), em Ateneu 11.116. Ainda assim, exalta Lacedemónios e Persas. Segundo a mesma fonte, mostrara inveja e ganância, ao cativar Xenócrates, o único pupilo do pobre Ésquines; e maldade, ao apresentar uma acusação contra Fedo que poderia levar este último à escravidão. Cf., outrossim, as palavras de Ateneu, em 11.116, sobre a má disposição (κακοήθεια) e a vanglória (φιλόδοξος) de Platão, ambicioso/desejo de fundar cidades e fazer leis (Cf. Dioscórides, *Apomnemonema*, FHG II 196. Embora a fonte seja tardia, a imagem que resulta de Platão poderá entender-se como um retrato generalizado na Idade Média a respeito de um indivíduo pouco amistoso e misantropo).

### 5.1.2 Apropriação literária

Em diversos momentos de *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, Platão merece algumas considerações da parte do compilador, a respeito de várias áreas. Assim também quanto à propriedade literária das produções correntemente catalogadas como tendo autoria platônica, o que faculta traços complementares do carácter do Filósofo Ateniense. A título ilustrativo, em 8.54, Diógenes Laércio cita Timeu, comparando o comportamento cientificamente desonesto a propósito do qual foi sancionado por uma prática recorrente de Platão, qual modelo negativo de ἐπιλογκλοπία:

Ἀκοῦσαι δ' αὐτὸν Πυθαγόρου Τίμαιος διὰ τῆς ἐνάτης ἱστορεῖ, λέγων ὅτι καταγνωσθεῖς ἐπιλογκλοπία τότε, καθὰ καὶ Πλάτων, τῶν λόγων ἐκωλύθη μετέχειν.

Timeu, no nono livro de *Histórias*, refere ter sido aluno de Pitágoras, acrescentando que, tendo sido condenado, na altura, por roubar os seus discursos, à semelhança de Platão, foi afastado de tomar parte das discussões da escola.

Laércio não inovou ao referir-se a Platão, recordando-se identicamente de manifestações a respeito do mesmo, no período

judaico-cristão<sup>98</sup>. Porém, Platão não seria caso único apontado na Antiguidade, em particular por alguns detratores, que, sobretudo a partir do período helenista, atacaram Platão, uns por divergências doutrinárias; outros denegrindo o seu carácter, afirmando que Platão teria copiado de Pitágoras, também na vertente autoral. Entre os antiplatónicos, contam-se Onétor, Sátiro, Tímon de Fliunte<sup>99</sup>, Álcimo da Sicília; Antístenes<sup>100</sup>.

As acusações feitas a Platão neste âmbito eram correntes, provindo de diversas fontes. Eis, no séc. II, Aulo Gélio [3.17.4-6], a partir do qual ficam implícitas dúvidas face à originalidade de Platão nas suas obras, em particular no respeitante a aspetos pitagóricos, designadamente na obra *Timeu*, a julgar por Timon de Filos<sup>101</sup>, Σίλλος, no transato século III antes da Cristandade.

---

<sup>98</sup> Vd., no século III, Eusébio [*Praeparatio Evangelica* 10.3], reportando um banquete de sete convivas de formação variada, desde sofistas, géometras, gramáticos, estoicos, peripatéticos, em memória de Platão, organizado por Longino, onde se reflete acerca do plágio, qual doença [10.3.12: τὸ τῆς κλοπῆς πάθος] / vício recorrente na Antiguidade. De facto, o ato de κλοπή era já objeto de reprovação na Antiguidade Grega. Cf. diversas obras relativas a práticas de plágio, por vários autores indicados em Eusébio *Praeparatio Evangelica* 10.3.12 (e.g. Lisímaco, Alceu, Pólio, Aretades, entre outros), onde Clemente se manifesta, comparando para tal afirmação, passagens de Orfeu, Heraclito, Platão, Pitágoras, Heródoto, Teopompo, Tucídides, Demóstenes, Ésquines, Lisias, Isócrates e outros 10.000 - μυρίων ἄλλων [10.2]. E no parecer dos convivas, num ataque acutilante, baseado numa presunção de culpa, graças à recorrência de tal prática, Platão não era caso alheio, mesmo faltando já na época diversos originais, conforme reporta Eusébio [10.3.24-25]: Καὶ ὁ Προσήνης · «Τοὺς μὲν ἄλλους », ἔφη, «κλέπτας ἐφώρασατε· ὅτι δὲ καὶ αὐτὸς οὗτος ὁ ἥρως Πλάτων, οὗ τὴν ἐπώνυμον ἐορτὴν σήμερον πανηγυρίζομεν, πολλοὶς καταχρήται τῶν πρὸ αὐτοῦ αἰδοῦμαι γὰρ τῷ τῆς κλοπῆς ὀνόματι ἐπὶ τούτου χρῆσθαι, οὐκέτι κατελιήφατε.» «Τί λέγεις ;» ἔφη ὁ Καλλιέτης. «Οὐ λέγω μόνον», φησὶν, «ἀλλὰ καὶ τὴν πίστιν τῷ λόγῳ παρέχω. σπάνια δὲ τὰ τῶν πρὸ τοῦ Πλάτωνος γεγονότων βιβλία, ἐπεὶ ἴσως πλείους ἂν τις ἐφώρασε τοῦ φιλοσόφου.» Prosenes também afirmou: «detectaste outros», disse, «plagiadores, mas que até este herói Platão, em honra do qual se realiza este festim, usa muitas obras dos seus antecessores - na realidade, tenho muito respeito para usar o termo 'roubo' - isto não adiantaste.» «O que dizes?» disse Calietes «Não apenas afirmo» referiu Prosenes «como também apresento a prova da minha afirmação. Ora, os livros dos antecessores de Platão são raros, ou então talvez pudessem detetar-se mais plágios do filósofo. [...]» Cf. Brisson 1999.

<sup>99</sup> O cínico Tímon critica filósofos dogmáticos e faz trocadilho do seu nome em Sátiras.

<sup>100</sup> Antístenes muda pejorativamente o nome de Platão para Σάθων. Cf. D.L. 3.35, 6.16; Ateneu 5.220a. sobre o paralelismo etimológico crítico entre o vulgarismo σάθων e Πλάτων. Vd. Ateneu 5.220d-e. Cf. Chantraine, 1956; Fraser, Matthews 1987; Hultin, 2008.

<sup>101</sup> Cf. fr. 54 Diels. Vd., no mesmo sentido, no século III, Hermipo fr. 40 Wehrli.

τίμων *amarulentus librum maledicentissimum conscripsit, qui σίλλος inscribitur. In eo libro Platonem philosophum contumeliose appellat, quod inpenso pretio librum Pythagoricae disciplinae emisset exque eo Timaeum, nobilem illum dialogum, concinnasset. Versus super ea re τίμωνος hi sunt:*

καὶ σύ, πλάτων, καὶ γάρ σε μαθητεῖς πόθος ἔσχεν,  
πολλῶν δ' ἀργυρίων ὀλίγην ἠλλάξαο βίβλον,  
ἔθθεν ἀπαρχόμενος τιμαιογραφεῖν ἐδιδάχθης.

O satírico Timon<sup>102</sup> redigiu uma obra deveras injuriosa, que intitulou de Σίλλος. Nesse livro, dirige-se ao filósofo Platão em termos oprobiosos, alegando que ele terá comprado um tratado sobre a filosofia pitagórica a uma figura extravagante e que, a partir dele, terá compilado aquele célebre diálogo *Timeu*. Eis as palavras de Timão<sup>103</sup> acerca do assunto:

Tu, Platão, uma vez que tendo desejo para aprender,  
Um pequeno livro por uma grande quantia compraste,  
O qual te ensinou a compor o *Timeu*.

Todavia, à partida, a imputação da prática de plágio a Platão, com base em obras atualmente inexistentes, ideias e doutrinas ditas platónicas, configura uma acusação discutível, por vezes impossível de comprovar na atualidade, revestindo-se, *stricto sensu*, de anacronismo. De facto, se a falta de identidade autoral se assume como um dos vetores que encorpam a[s] questão[-ões] em torno das epopeias ditas homéricas, posteriormente, Hesíodo [*Theogonia* 22] apresenta o seu nome enquanto compositor da obra, adiantando tónicas do individualismo que marcaria a Época Arcaica da civilização Grega. De referir, neste sentido, Teógnis de Mégara, autor do século VI a.C., que menciona a σφραγίς, ou 'selo autoral' [1.19–26], capaz de garantir a autoria dos seus versos, bem como

<sup>102</sup> Cf. fr. 54 Diels.

<sup>103</sup> Timão de Timon de Fliunte, filósofo grego cético, discípulo de Pirro [D.L. 9.12.109].

de prevenir o roubo da obra, a sua atribuição a outrem ou a sua substituição por alterações de pior qualidade. Aliás, a assinatura autoral revela-se uma preocupação registada em diversos sistemas semióticos secundários<sup>104</sup>. Ainda assim, a aplicação do termo plágio [cf. *plagium / plagiarius*] à literatura parte de uma utilização metafórica do vocábulo por parte do poeta latino Marcial, nos séc. I/II, vítima de alienação de propriedade literária [cf. Gaditano; Fidentino; Tuca], tomando por base a *Fabia Lex ex plagiaris*<sup>105</sup>, instituída por Q. Fábio Verrucoso, em 209 a.C., que punia a venda de cidadãos livres como escravos. Considerando o valor da obra humana e da identificação correta do seu autor como um garante do resquício de imortalidade possível para a raça humana, através da sua preservação pela memória, a apropriação indevida das obras poderá de certa forma equiparar-se a uma segunda morte de um indivíduo, equivalendo, neste sentido, *mutatis mutandis*, o plagiador a um homicida<sup>106</sup>.

Desde logo, importa considerar circunstâncias como a noção de 'obra aberta / inacabada'; a honra de assistir à utilização da obra por terceiros; o uso generalizado de determinadas ideias / ideologias. De igual modo, convém distinguir noções como autoria, *plagium*, *mimesis*, a utilização de um autor-obra como modelo e até a ilustração individual através da compra de livros e constituição de bibliotecas particulares, pela aquisição de obras a expensas próprias, por consideráveis valores monetários, no caso de Platão, ofertados pelo seu amigo Díon. Na realidade, a citação supra mencionada possui notórios traços de suspeita

---

<sup>104</sup> Cf. assinaturas inscritas em vasos, seguidas de *egrápsen e epoiesen*, consoante se moldasse o vaso (*epoies*) ou apenas se pintasse. Por vezes ambas as assinaturas coexistiam no mesmo vaso, como se comprova no François Vase. Vd. Cook, 1971.

<sup>105</sup> Digesta 48.15.0, *De lege fabia de plagiaris*: *Si liberum hominem emptor sciens emerit, capitale crimen aduersus eum ex lege fabia de plagio nascitur, quo uenditor quoque fit obnoxius, si sciens liberum esse uendiderit.* «Se alguém adquiriu conscientemente um homem livre, pode ser perseguido pela Lei Fábica sobre os plagiadores, com uma acusação capital, e o vendedor pode também ser perseguido, se vendeu conscientemente um homem livre.»

<sup>106</sup> Cf. Troca Pereira, 2009a.



maledicente extensiva a discípulos platônicos, como Aristóteles, o que denunciava também a frequência de tais procedimentos<sup>107</sup>.

Mais ainda, algumas linhas de Diógenes poderiam colocar Platão na posição de um patrono das letras. Na realidade, no seguinte passo, apenas se refere que terá pagado pelos mencionados livros de Filolau<sup>108</sup>, de cujo conhecimento terá dependido a difusão de pensamentos pitagóricos [8.15]:

Μέχρι δὲ Φιλολάου οὐκ ἦν τι γινῶναι Πυθαγόρειον δόγμα: οὗτος δὲ μόνος ἐξήνεγκε τὰ διαβόητα βιβλία, ἃ Πλάτων ἐπέστειλεν ἑκατὸν μνῶν ὠνήθηται.

Até à época de Filolau não foi possível obter nenhum conhecimento da doutrina pitagórica e apenas Filolau compôs aquelas três célebres obras<sup>109</sup> para que Platão enviou cem minas para comprar<sup>110</sup>.

Todavia, a afirmação de que antes de Filolau não existiria obra relativa à doutrina pitagórica, pesem embora a política de secretismo associada, a tradição, o ensino oral e a ligação ao orfismo [8.8], destaca essencialmente Platão. De resto, sobrevaloriza a alegada essência doutrinária veiculada na obra de Filolau, a sua aquisição e valor

---

<sup>107</sup> Cf. Aulo Gélío 3.17.1-3: *Memoriae mandatam est Platonem philosophum tenui admodum pecunia familiari fuisse atque eum tamen tris Philolai Pythagorici libros decem milibus denarium mercatum. Id ei pretium donasse quidam scriperunt amicium eius Dionem Syracosium. Aristotelem quoque traditum libros pauculos Speusippi philosophi post mortem eius emisse talentis Atticis tribus; ea summa fit nummi nostri sestertia duo et septuaginta milia.* «Conta-se que o filósofo Platão era um homem de poucos recursos, mas, ainda assim, comprou três livros do Pitagórico Filolau por 10.000 denários. Essa soma foi-lhe oferecida, conforme dizem alguns, pelo seu amigo Díon de Siracusa. Também Aristóteles, segundo a história, adquiriu alguns livros do filósofo Espéusipo, após a morte deste, por 3 talentos áticos, uma quantia equivalente a 72.000 sestércios.»

<sup>108</sup> Cf. Huffman, 2012.

<sup>109</sup> Sobre a 'lenda do tripartitum', vd. Burkert, 1972.

<sup>110</sup> A respeito da compra de livros de Filolau, cf. 8.15, 8.85.

despendido. Consta-se ainda um vetor de inconsistência, porquanto se reporta a primazia de Filolau, omitindo escritos de Pitágoras e de discípulos seus, bem como de pitagóricos, anteriores ao século V a.C.<sup>111</sup>, embora, noutros passos, se submetam informações distintas nesse sentido<sup>112</sup>. Mais ainda, não é certo, desde logo, pela forma verbal de certo modo ambígua utilizada por Diógenes Laércio - ἐξήνεγκε, 'apresentou' -, que Filolau tenha de facto escrito a referida obra, quicá da lavra do próprio Pitágoras, a crer em 8.6, fundamentando a lógica do *tripartitum*: γέγραπται δὲ τῶ Πυθαγόρᾳ συγγράμματα τρία, Παιδευτικόν, Πολιτικόν, Φυσικόν, «ora, Pitágoras escreveu três obras: *Educação, Política, Natureza*». Já em 8.84-85, Diógenes, tal como Aulo Gélcio, acima transcrito, citando o contemporâneo platónico Hermipo<sup>113</sup>, clarifica a autoria da alegada obra de Filolau. Porém, deixa seguir uma suposta inconsistência de Hermipo, a respeito da dita compra, por uma quantia monetária que não poderia ter sido usada na época de Platão («quarenta minas alexandrinas»), já que Alexandre Magno é posterior à data de morte do Filósofo:

Φιλόλαος Κροτωνιάτης Πυθαγορικός. παρὰ τούτου Πλάτων ὠνήσασθαι τὰ βιβλία τὰ Πυθαγορικὰ Δίῳνι γράφει. [...]Γέγραφε δὲ βιβλίον ἓν, ὃ φησιν Ἑρμιππος λέγειν τινὰ τῶν συγγραφέων Πλάτωνα τὸν φιλόσοφον παραγενόμενον εἰς Σικελίαν πρὸς Διονύσιον ὠνήσασθαι παρὰ τῶν συγγενῶν τοῦ Φιλολάου ἀργυρίου Ἀλεξανδρινῶν μνῶν τετταράκοντα καὶ ἑντεῦθεν μεταγεγραφέναι τὸν Τίμαιον.

O pitagórico Filolau de Cróton. Foi por causa dele que Platão pede a Díon para comprar o tratado pitagórico. [...] Ele

<sup>111</sup> E.g. Alcmeon, Mnestor, Hipon, Hipaso, Ico.

<sup>112</sup> Cf., bem assim, Cícero *de Republica* 1.16; Iamblico *de vita Pythagorica* 199.

<sup>113</sup> Cf. fr. 40 Wehrli e, posteriormente, no séc. IV/III a.C. Timon de Filo, fr. 54 Diels.

escreveu um livro e foi esta a obra que, segundo Hermipo, dizem que o filósofo Platão, quando foi à Sicília, à corte de Dionísio, comprou aos parentes de Filolau pela quantia de quarenta minas<sup>114</sup> alexandrinas de prata, e daí redigiu *Timeu*.

As diatribes antiplatónicas possuíam uma tradição bastante antiga. Exemplo dessa vetustez é recordado e citado, tardiamente, por Ateneu (11.508c), referindo o historiador do século IV a.C. Teopompo<sup>115</sup>, em citação, veiculando uma percepção negativa sobre os diálogos de Platão, a qual continha plágios a partir de colegas socráticos<sup>116</sup>, como Aristipo, Antístenes e Brison de Mégara:

Θεόπομπος ὁ Χίος ἐν τῷ κατὰ τῆς Πλάτωνος διατριβῆς, «Τοὺς πολλοὺς, φησίν, τῶν διαλόγων αὐτοῦ ἀχρεῖους καὶ ψευδεῖς ἂν τις εὔροι· ἀλλοτρίους δὲ τοὺς πλείους ὄντας ἐκ τῶν Ἀριστίππου διατριβῶν, ἐνίους δὲ κακὰ τῶν Ἀντισθένους, πολλοὺς δὲ κακὰ τῶν Βρύσωνας τοῦ Ἡρακλειώτου.»

Teopompo de Quios, em *Diatribes de Platão*: “encontrar-se-á, diz, a maior parte dos seus diálogos são inúteis e falsos, e ainda um maior número de outros acusadores: da [escola] de Aristipo; muitos de Antístenes e do Heraclita Brison.”

Também no séc. IV a.C., Aristóxeno<sup>117</sup>, citado por Diógenes [3.37], acusara Platão de ter copiado a sua *República* do seu contemporâneo Protágoras, Ἀντιλογικοί [fr. 67 Wehrli].

De facto, um dos aspetos discutíveis no concernente à figura de

<sup>114</sup> Acerca da diferença de quantias (quarenta ou cem minas), vd. Burkert, 1972.

<sup>115</sup> Cf. Teopompo [Καταδρομή / Κατὰ τῆς Πλάτωνος διατριβῆς FGrHist 115 F 259]. Vd. Riginos, 1976; Shrimpton, 1991; Flower, 1994.

<sup>116</sup> Cf., outrossim, Protágoras, Epicarmo, alguns Pitagóricos, Zoroastro.

<sup>117</sup> Cf. Huffman, 2012.

Platão prende-se com alegados plágios. Laércio menciona, a respeito, Favorino, ἐν Παντοδαπῆς ἱστορίας δευτέρῳ, bem como um autor tardio do século II [3.9.] – Alcimo Sículo<sup>118</sup>, em 8 capítulos de *A Amintas*, livro 1, sobre a apropriação indevida do comediógrafo pitagórico Epicarmo<sup>119</sup>, com implicações no tocante às origens do 'Diálogo Socrático'<sup>120</sup>: «Φαίνεται δὲ καὶ Πλάτων πολλὰ τῶν Ἐπιχάρμου λέγων.», «É evidente que Platão toma muitas palavras de Epicarmo.» A citação continua, demonstrando a acusação com notas sobre o sensível e o inteligível e a teoria das ideias, do conhecimento, da imortalidade da alma, da anamnese, entre outras.

Outras acusações concretas de plágio referem-se a *República*, a partir de *Antilogikoi* de Protágoras, segundo Aristóxeno [fr. 67 Wehrli, citado por D.L. 3.37]. Laércio transcreve também Neantes<sup>121</sup>, sobre a expulsão de Platão de discussões públicas.

### 5.1.3 *Epitáfios*

Laércio faculta [3.43–45] epitáfios inscritos sobre a pedra tumular de Platão. São cinco, de autoria incógnita. Intercala ainda um outro da sua lavra. Importaria conhecer quais as suas datas e reconhecer a

<sup>118</sup> Cf. FGrHist 560 F 6.

<sup>119</sup> Vd. Santoro, 2012.

<sup>120</sup> Cf. Rossetti, 2011. Vd. a situação que Cherniss, 1945 designa como «Enigma da primeira Academia».

<sup>121</sup> Cf. 8.55 (= FGrHist 84 F 26): Φησὶ δὲ Νεάνθης ὅτι μέχρι Φιλολάου καὶ Ἐμπεδοκλέους ἐκοινωνοῦν οἱ Πυθαγορικοὶ τῶν λόγων. ἐπεὶ δ' αὐτὸς διὰ τῆς ποιήσεως ἐδημοσίωσεν αὐτά, νόμον ἔθεντο μηδενὶ μεταδώσειν ἐποιοῦν. τὸ δ' αὐτὸ καὶ Πλάτωνα παθεῖν φησι: καὶ γὰρ τοῦτον κωλυθῆναι. τίνος μέντοι γε αὐτῶν ἤκουσεν ὁ Ἐμπεδοκλῆς, οὐκ εἶπε: τὴν γὰρ περιφερομένην ὡς Τηλαύγου ἐπιστολὴν ὅτι τε μετέσχευεν Ἰππασίου καὶ Βροντίνου, μὴ εἶναι ὀξείοπιστον. «Neantes afirma que, na época de Filolau e Empédocles, todos os pitagóricos participavam em discussões. Mas, quando Empédocles as tornou públicas na sua poesia, fez-se uma lei segundo a qual nenhum poeta deveria ter acesso a eles. Refere que Platão recebeu o mesmo tratamento, pois também ele foi impedido. Não mencionou sob qual dos pitagóricos Empédocles estudou, uma vez que, segundo afirma, a carta que circula de Telauges, tal como a história que estudou com Hipaso e Brontino não são credíveis.»

autenticidade de tais inscrições, sabendo-se apenas que os dois últimos são mais recentes, incluindo a inscrição do compilador medieval, que certamente não constaria na lápide, desde logo por ser anacrônica. Em termos gerais, são hiperbolicamente elogiosos e denotam a teoria do bifacetamento ontológico entre corpo e alma (σῶμα - parte mortal/ ψυχή - parte imortal) de Aristocles/Platão. O retrato é divinizado (epitáfio 1: θεῖος Ἀριστοκλῆης; epitáfio 2<sup>122</sup>: θεῖον βίον), de um homem virtuoso (epitáfio 2: ἀνὴρ ἀγαθός) e excelso, acima de todos os mortais (θνητῶν) em termos de prudência, justiça e sabedoria. Nos três epitáfios seguintes, prossegue o retrato divinatório, com a ascensão da sua alma ao Olimpo, sob a figura de águia<sup>123</sup> (epitáfio 3); ou enquanto fruto da criação de Febo [Apolo], recuperando a imagética desenvolvida nos momentos iniciais do livro, compensando Esculápio, numa esfera ainda mais valorosa, pois se o primeiro cuidava dos corpos mortais, Platão tinha a seu cargo as almas imortais (epitáfio 4). Esta mesma imagética surge também até certo ponto parafraseada no último epitáfio, constante na *Anthologia Palatina*, que efetua também uma alusão à morte de Platão, especificando a circunstância do óbito.

Embora Diógenes não especifique os autores, à exceção do epitáfio da sua autoria, na maioria são *adésputa* e um pertence a Símias. A controvérsia coloca-se ao considerar-se a autenticidade do(s) epitáfio(s) ou o mero carácter literário/epigramático<sup>124</sup>. Todos são conservados em *Anthologia Palatina* (AP).

## 5.2 Obras

<sup>122</sup> Cf. Heraclito fr. B 62 in Platão *Leges* 1.108.

<sup>123</sup> Cf. associação da águia a Zeus. Vd., a propósito, Mylonas, 1946; Cook, 2010.

<sup>124</sup> Cf. Sternbach, 1886, p. 100-117; Preger, 1891, p. 9-11, a respeito da autenticidade do primeiro 'epitáfio' referido por Laércio. Wilamowitz-Moellendorff, 1920, p. 720, considerando todas as composições como literárias. Vd. Notopoulos, 1942, a propósito da versão siríaca da vida de Platão, dos fragmentos de Porfírio e da versão de Apuleio.

Diógenes Laércio expõe a classificação dos diálogos platônicos, designadamente de 36 obras do *corpus Platonicum*. Pese embora alguns títulos espúrios à época [viz. *Mídon* ou *Criador de Cavalos*, *Eríxias* ou *Erasítrato*, *Alcíone*, *Acéfalos*, *Sísifo*, *Axioco*, *Feaces*, *Demódoco*, *Quélidon*, *Sétimo* e *Epiménides*]<sup>125</sup>, reproduz 9 tetralogias [3.56-62], conjugando diferentes categorias de diálogos, quase sempre listados com título duplo, no sentido de especificar/esclarecer<sup>126</sup> o teor da obra [viz. peirástico, ético, lógico, refutativo, maiêutico, probatório, político, físico]. A temática não parece ter sido factor determinante das diferentes tetralogias. A autoria da organização poderá recuar-se à Academia Antiga<sup>127</sup>.

O catálogo do pouco conhecido astrólogo erudito platónico de

---

<sup>125</sup> Cf. Chroust, 1965. Vd. Ateneu 11.114, sobre Alcibiades II, atribuído a Xenofonte; Halción, a Leon, segundo Nícias de Niceia.

<sup>126</sup> Cf. construção com *περί* seguido de genitivo.

<sup>127</sup> Vd. 1) *Éutifron* ou Sobre a piedade (peirástico), *Apologia de Sócrates* (ético), *Críton* ou Sobre o dever (ético), *Fédon* ou Sobre a alma (ético); 2) *Crátilo* ou Sobre a correção das palavras (lógico), *Teeteto* ou Sobre o conhecimento (peirástico), *Sofista* ou Sobre o Ser (lógico), *Político* ou Sobre a realeza (lógico); 3) *Parménides* ou Sobre as Ideias (lógico), *Filebo* ou Sobre o prazer (ético), *Banquete* ou Sobre o Bem (ético), *Fedro* ou Sobre o Amor (ético); 4) *Alcibiades* ou Sobre a natureza do Homem (maiêutico), *Alcibiades II* ou Sobre a prece (maiêutico), *Hiparco* ou Sobre a ganância (ético), *Amantes* ou Sobre a filosofia (ético); 5) *Teages* ou Sobre a filosofia (ético), *Cármides* ou Sobre a moderação (peirástico), *Laques* ou Sobre a coragem (maiêutico), *Lisis* ou Sobre a amizade (maiêutico); 6) *Eutidemo* ou Eristico (refutativo), *Protágoras* ou Sofistas (probatório), *Górgias* ou Sobre a retórica (refutativo), *Ménon* ou Sobre a virtude (peirástico); 7) *Hípias Maior* ou Sobre o Belo (refutativo), *Hípias Menor* ou Sobre o erro (refutativo), *Íon* ou Sobre a *Iliada* (peirástico), *Menéxeno* ou Epitáfio (ético); 8) *Clitofonte* ou Protréptico (ético), *República* ou Sobre o Justo (político), *Timeu* ou Sobre a Natureza (físico), *Critias* ou Atlântico (ético), 9) *Minos* ou Sobre a lei (político), *Leis* ou Sobre a legislação (político), *Epínomis* ou Assembleia noturna ou Filósofo (político), *Cartas* (éticas). Cf., para o efeito, Wilamowitz-Moellendorf, 1920, p. 324-325. Vd. Pasquali, 1952, p. 265; Erbse — Stegmüller — Hunger et al., 1961, p. 220; Philip, 1970, p. 299 n. 6. Para uma interpretação pitagórica da organização do corpus em 9 tetralogias, vd. Brisson, 1992, p. 3710.

Tibério<sup>128</sup>, tendencialmente neopitagórico<sup>129</sup>, Trasilo<sup>130</sup>, contendo as obras platônicas, inclui o seu carácter. Classificação similar surge em Albino [Prol. 3, 6], criticando [4] a ordem tetralógica de Dercilides e Trasilo. O esquema tetralógico de Trasilo, retratando quiçá um modo de publicação das obras, quais tetralogias dramáticas [3.56], seguido por Platão, não é apresentado por Laércio como tendo sido inovador, aludindo à existência de outros<sup>131</sup>, embora sem datação [3.61].

O esquema descrito em 3.49 divide os diálogos nas seguintes categorias: expositivos e investigativos. De entre esses, os primeiros, em teóricos, uns físicos [*Timaeus*], outros, dialéticos [*Politicus*, *Cratylus*, *Parmenides*, *Sophista*], outros, práticos, alguns dos quais éticos [*Apologia*, *Crito*, *Phaedo*, *Phaedrus*, *Symposium*], outros, políticos [*Respublica*, *Leges*, *Minos*, *Epinomis*, *Critias*]. Os segundos, incluindo os exercitativos – destes os maiêuticos [*Alcibiades 1*, *Alcibiades 2*, *Theages*, *Lysis*, *Laches*] e os peirásticos [*Euthyphro*, *Meno*, *Io*, *Charmides*, *Theaetetus*], outros, competitivos, uns probatórios [*Protagoras*], outros refutativos [*Euthydemus*, *Gorgias*, *Hippias Maior*, *Hippias Minor*].

Outra catalogação referida distingue cinco trilogias [1) *República*, *Timeu*, *Crítias*; 2) *Sofista*, *Político*, *Crátilo*; 3) *Leis*, *Minos*, *Epinomis*; 4) *Teeteto*, *Éutifron*, *Apologia*; 5) *Críton*, *Fédon*, *Cartas*; os restantes, sem organização], atribuindo-se a Aristóphanes de Bizâncio [3.62]<sup>132</sup>. Laércio, de facto, seleciona as catalogações, não seguindo os estudos mais

<sup>128</sup> Cf. Tácito *Annales* 6.20–21; Temístio *Orationes* 5, 6, 8, 11, 15, 34. Vd. Dunn, 1976, p. 60; Brisson, 1992.

<sup>129</sup> Vd. Plotino 20.68–76.

<sup>130</sup> Cf. semelhanças no tratamento conferido a Platão com Demócrito, na obra *Τὰ πρὸ τῆς ἀναγνώσεως τῶν Δημοκρίτου βιβλίων*. Vd. 9.41. Aliás, Laércio refere uma catalogação similar atribuída por Trasilo aos tratados de Demócrito [9.45].

<sup>131</sup> Cf. Varrão, *De lingua Latina* 7.37.2–4 e a alusão a *Fédon* como in III, «quarto diálogo». Na listagem de Trasilo, *Fédon* é o quarto da primeira tetralogia.

<sup>132</sup> O critério que aproxima as obras de cada trilogia são contudo discutíveis, no tocante a pontos como o cariz narrativo; a autenticidade; a temática.

recentes<sup>133</sup>.

### 5.2.1 Epigramas

A obra de Laertes transcreve onze epigramas<sup>134</sup> em dísticos elegíacos, de Platão [3.29–33. Cf. Μουσικίου οἱ δὲ Πλάτωνος], a partir de Aristipo<sup>135</sup>, Περὶ παλαιᾶς τρυφῆς (*Sobre Luxos Antigos*) IV. Os epigramas platônicos podem encontrar-se reproduzidos na totalidade (32 epigramas)<sup>136</sup>, em *Anthologia Palatina* (AP) e são dedicados dois a Aster e um como epitáfio a Díon (e Fedro?). A informação intercala também alusão a figuras femininas, designadamente a Alexis e Fedro; Arquenassa. Também a Agaton; a um anónimo; a Xantipa; aos eretrienses, exilados; dois outros a anónimos. Em termos gerais, as composições epigramáticas denotam traços da personalidade e da afetuosidade de Platão.

---

<sup>133</sup> Para outras catalogações da obra platónica, vd. Albino [Prol. 6. Cf. 3; 5, com referência a 4 diálogos: *Alcibiades Maior*, *Phaedo*, *Respublica*, *Timaeus*, para interessados em Platão, sem requisitos profissionais, efetuando uma distinção de leitores similar a Epicuro, nos proémios às suas cartas didáticas] efetua a seguinte diérese: diálogo: para instrução [físico: *Timaeus*; ético: *Apologia*, *Crito*, *Phaedo*, *Symposium*, *Epistolae*, *Menex*, *Clitopho*, *Philebus*; político, económico: *Respublica*, *Minos*, *Lege*s, *Epinomis*] e para inquérito [peirástico elêntico: *Euthyphro*, *Meno*, *Io*, *Charmides*; maiêutico: *Alcibiades*, *Theages*, *Lysis*, *Laches*; lógico: *Cratylus*, *Sophista*, *Politicus*, *Parmenides*; epidítico [/ elêntico] anatrético: *Protagoras*, *Hipparchus*, *Euthydemus*, *Gorgias*]. Cf. Mansfeld, 1994; Burkhand, 1999.

<sup>134</sup> Não sendo propriamente um género, constituíam um tipo de poemas, uns dedicatórios (hexâmetros e, frequentemente, sobretudo a partir séc. VI a.C., em dísticos elegíacos), incluindo inscrições a pessoas comuns; outros amorosos, sepulcrais – à partida um *paínion* (παίγιον) literário/ficcional (cf. Meleagro AP 7.217, Antipater AP 7.218). Na Antiguidade Grega, os epigramas inscrevem-se em dois ramos/escolas, designadamente dório-peloponeso e jónio-alexandrina. Cf., no desenvolvimento de poesia dedicatória, temáticas de literatura simpótica (vd. Platão *Symposium* 177a–d. Cf. autores como Asclepiades de Samos, Calímaco), *encomia* sobre amor (e.g. mulheres, rapazes, vinho), posteriormente, sobretudo a partir do final do século IV a.C., iniciando uma tradição literária.

<sup>135</sup> Laércio transmite o texto de Aristipo cortado e com omissões (Ludwig, 1963, p. 81).

<sup>136</sup> Cf. outros epigramas atribuídos a Platão, não contemplados em D.L. 3: AP 6.1, 43, 7.256, 265, 268, 269, 316, 9.3, 44, 45, 51, 506, 747, 823, 826, 827; Olimpíodoro *Vita Platonis*; Append. Pl. 13, 248 Dübner; Cod. Pal. I; Cod. Pal. IV/Vind. 311.



Desde logo, aceitando uma autenticidade discutível<sup>137</sup>, as linhas consagradas a Díon, por ocasião da sua morte (c. 52 anos de idade), demonstram o reconhecimento e homenagem póstumos, elaborados por Platão então septuagenário<sup>138</sup>. De tonalidade hiperbólica, engrandece Díon, superiorizando a infelicidade causada pelo seu óbito a um quadro mitológico paradigmático, com a figura de Hécuba, mãe, esposa e rainha de um povo fustigado e vencido no longo Conflito Troiano, cujas lágrimas se juntam a outras troianas cativas, viúvas e privadas de filhos. O pronome pessoal no início de verso reforça o confronto desses elementos (σοὶ δέ): Díon morre em glória, como vitorioso (ἐπινίκιον) de belas obras (καλῶν ἔργων). Se as troianas vencidas da mitologia sofriam os ditames dos fados (Μοῖραι), com uma maior proximidade, Díon é agraciado pelas divindades com grandes esperanças (δαίμονες εὐρείας ἐλπίδας). Interpretando as expectativas prometidas a um morto, poder-se-á constatar o sentido da imortalidade possível para os seres humanos, conseguida, segundo critérios tradicionais, também explorados na Época Arcaica, através da ἀρετή alcançada, que justifica a memória e a celebração pelos compatriotas. Por fim, Platão afirma o seu sentimento de ἔρωσ e destaca a falta com que Díon o deixou no seu θυμός. O relacionamento homoerótico<sup>139</sup> sugerido poderá olhar-se mediante o *eros* filosófico abordado em *Symposium* e *Phaedrus*.

O epigrama celebrativo a Díon, qual epitáfio inscrito sobre o sepulcro (3.30), distingue-se dos demais epigramas eróticos (ἐρωτικὸς λόγος) atribuídos a Platão. O epigrama dedicado a Díon é antecedido por outros dois mais breves, a Aster, colega no estudo de astronomia, com o motivo literário da metamorfose, metáfora do amado

<sup>137</sup> Cf. Wilamowitz-Moellendorff, 1920; Bowra, 1938. Vd. reservas de Taylor, 1955, quanto à autoria do *erotikon*. Cf., a propósito, epístola epistemológica 6 (323d), redigida por Platão aos amigos e seguidores de Díon (Πλάτων τοῖς Δίωνος οἰκείοις τε καὶ ἑταίροις εὖ πράττειν).

<sup>138</sup> Cf. Page, 1982, p. 169.

<sup>139</sup> Cf. παιδερασία ática Ésquines *Contra Timarco* 135-159, implicações pedagógicas e políticas.

transformado em astro<sup>140</sup>. Os epigramas a Aster e Díon poderão inscrever-se no âmbito político e militar, contra tiranos, pois ambos tombaram de morte não natural, servindo os epigramas platônicos como homenagem em jeito de epitáfios. Os dois seguintes, aos seus amados Alexis<sup>141</sup> e Fedro<sup>142</sup>, atribuindo-se o afeto ao θυμός. De um teor distinto, o sentimento nutrido pela cortesã Arqueanassa de Cólofon, pertencente a um *eros* vulgar, carnal, baseado na fungibilidade associada à juventude e à beleza<sup>143</sup>. Desconhecida ao certo é também a identidade de Agaton<sup>144</sup>, cuja afetividade do âmbito da φίλια (φιλῶν) Platão posiciona na alma (ψυχή), acrescentando o motivo dos lábios (χείλος)<sup>145</sup>. Agaton inscreve-se na segunda metade séc. V a.C. (c. 448–447), seria mais velho do que Platão. Desse modo, todavia, existiria uma inversão, pois tradicionalmente o *erastes* fazia um poema ao *eromenos*<sup>146</sup>. Introduce outrossim o *topos* da maçã<sup>147</sup>, no segundo, com continuidade nas linhas que dedica a Xantipa<sup>148</sup>. Os três epigramas finais mencionados por Laércio [3.33] são de teor distinto. Um aos eretrienses configura uma

<sup>140</sup> Vd. motivo similar em AP 5.83, 84 ambos anónimos. Cf. ideia popular, Aristófanes *Pax* 832–833 Οἰκέτης – οὐκ ἦν ἄρ' οὐδ' ἄ λέγουσι, κατὰ τὸν ἄερα | ὡς ἀστέρες γιγνόμεθ', ὅταν τις ἀποθάνῃ, «Servo – é verdade o que nos dizem, que os homens são transformados em estrelas, após a morte?»

<sup>141</sup> Alexis, poeta da Comédia Média, nascido em 372 a.C., quando Platão já completava 55 anos. Sobre Alexis, vd. 7.100. Cf. Dioscórides 5.56.

<sup>142</sup> Desconhece-se ao certo a identidade de Fedro, quiçá não coincidente com a personagem platónica. Cf. Fritz, 1938.

<sup>143</sup> Cf. White, 1989.

<sup>144</sup> Talvez Fedro e Agaton fossem alunos de Platão (Ludwig, 1963, p. 72).

<sup>145</sup> Motivo do beijo (cf. Meleagro, Rufino AP 5.14, 171).

<sup>146</sup> Cf., *mutatis mutandis*, inversão em Aquiles – Pátroclo. Cf. Platão *Symposium* 194e–197e.

<sup>147</sup> Cf. a funcionalidade da maçã, representando a juventude feminina e a sua simbologia no contexto amoroso das culturas da Antiguidade Clássica, prémio denotativo da beleza, que a tradição conserva no 'juízo de Páris' (Tzetzes *ad Lycophronem* 93; Sêrvio *Aeneis* 1.27. Cf. Luciano *Dialogi Deorum* 20 Macleod), bem como a sua representatividade no panorama judaico-cristão. Vd. Foster, 1899.

<sup>148</sup> Quanto a esta entidade, desconhece-se se seria esposa de Sócrates.

temática cara da Segunda Sofística<sup>149</sup>. Outro funciona como ameaça da Cípria com Eros<sup>150</sup>, face às Musas<sup>151</sup>. Por fim, o didatismo e representatividade de uma história.

## 6. Referências Várias

São mencionadas diversas figuras no contexto de Aristocles [Platão], de esferas diferenciadas, desde familiares, amizades/inimizades, amores, figuras sociais, discípulos [cf. 46]. Assim, Adimanto [4,41]; Agaton [32]; Alexameno Estireu [48]; Alexis [31]; Aniceris Cireneu [20]; Aristipo [36]; Aristocles (avô) [4]; Aristocles (Platão) [43]; Aristodemo [61]; Aristómenes [19]; Ariston [1,2,4]; Arqueanasa (Colofonia) [31]; Arquitas [61]; Arquitas, o Pitagórico [21]; Ártemis [escv?] [42]; Aster [29]; Cabrias [20, 24: general]; Calicles [52]; Calímaco [42, 43]; Carmandro, filho de Carmandrides [19]; Caármides [1]; Ciro [34]; Cléobulo [sicofanta] [24]; Cleon [61]; Codro [1]; Corisco [61]; Cratilo [6]; Crítias [1]; Críton [36]; Demetrio [43]; Demócrito [25]; Demóstenes [46]; Díon [9, 19, 20, 21, 23, 25, 29, 30, 40, 61]; Dionísio [61]; Dionísio [9, 21, 23, 25, 34, 36. Cf. Dionísio, filho

<sup>149</sup> AP 7.256. Cf. invasão persa da Grécia. Vd. cerco de Eriteia, 490 a.C. Cf. Heródoto 6.119.

<sup>150</sup> Cf. retrato de Eros pueril, que foge à progenitora Afrodite, Mosco AP 9.440. Regra geral, ninguém (cf. Hera a Atena, Ilias.14.198-199: δὸς νῦν μοι φιλότιτα καὶ ἥμερον, ᾧ τε σὺ πάντας ἰ δαμνᾷ ἀθανάτους ἢ δὲ θνητοὺς ἀνθρώπους), humano ou divino (Platão *Symposium* 186b: κατ' ἀνθρώπινα καὶ κατὰ θεῖα) pode julgar-se eximido da afeição/afeção imposta pela Cípria ou por Eros, nem a divindade suprema - Zeus (cf. Zeus, embora casado com Hera, *hymnus ad Venerem* 5.36-37; Meleagro AP:12.101). Nem tampouco os próprios instigadores se excluem: Afrodite (cf. afeto imposto no seu espírito, face a um mortal - Anquises, por Zeus, *hymnus ad Venerem* 5.45: αὐτῇ Ζεὺς γλυκὴν ἥμερον ἔμβραλε θυμῷ. Vd. Ares, Adónis, entre outros) e Eros (Eros/Psiqe - Ovídio *Epistulae* 11). Não obstante, a exceção impõe-se à regra, dada a existência de três entidades impossíveis de submeter ao jugo do amor (*hymnus ad Venerem* 5.7: τρισὸς δ' οὐ δύναται πεπιθεῖν φρένας οὐδ' ἀπατησαί), a saber, Atena, Ártemis e Héstia.

<sup>151</sup> De facto, ermetismo e misantropia tornam-se faltas conducentes a punição (e.g. Hipólito, Dafne, Narciso, entre outros. Cf. Ateneu 13.5). Não obstante, em termos estoicos, todas as paixões (vd. *páthe*) deveriam ser evitadas pelo *sóphos* (*apáthes*), quando se verifica um afastamento deliberado do convívio social e (ou) pessoal, incorre-se num ato *contra naturam*.

de Hermócrates - 18]; Drópidas [1]; Egias [43]; Epicarmo [9, 17]; Epicuro [61]; Erasto [61]; Esculápio [45]; Espeusipo [4,43]; Ésquilo [56]; Ésquines [36]; Euclides [42]; Euclides [6]; Eumeu [16]; Eurimedonte [43]; Eurípides [6]; Eurito [6]; Eutidemo [52]; familiares de Díon [61]; Febo [45]; Fedro [29, 31]; Filolau [6, 9]; Filon [40]; Fotidas [22]; Gláucon [1,4-Gláucon]; Górgias [52]; Heraclito [5, 6, 8]; Hércules [63]; Hermias [61]; Hermógenes [6]; Hipérides [46]; Hípias [52]; Isócrates [3, 8]; Lamisco [22]; Leodamante [61]; Leodamante Tasio [24]; Licurgo [46]; Lísias (filho de Céfalo) [25]; Melanto [1]; Mitríades Persa [25]; Neleu [1]; Panécio [109]; Parménides [52]; Parménides [6]; Perdicas [61]; Péricles [40]; Perictione (ou Potone) [1,4]; Pitágoras [8]; Polis [20]; Polis Lacedemónio [19]; Polo [52]; Protágoras [52]; Ptona [4]; Sócrates [5, 6, 8, 24, 34, 35, 36, 56]; Sófocles [56]; Sólon [1]; Sostenes [43]; Tales [3]; Teio [48]; Teodoro [6]; Teofrasto [46]; Teotas [21]; Téspis [56]; Trasímaco [52]; Trasipo [43]; Xantipa [32]; Xenócrates [38]; Zenão Eleate [47]. Em alguns casos, apenas a genealogia, donde filho de Ariston [44]; filho de Orontobates [25]. Por vezes, nomes próprios enquadrados numa categoria profissional: serviçais de casa: Ticon, Bicta, Apolionades, Dionísio [42]. De forma similar, também generalizações como *outros similares*<sup>152</sup> [52].

Complementam o contexto contemplado em torno de Platão algumas alusões de cariz toponímico. Eis regiões a exemplo de Atenas [2, 3, 7, 18, 21, 47]; Ática [44]; Cirene [6]; Corinto [8, 33]; Délcio [8]; Egina [19, 36]; Egina [3]; Egito [6]; Eubeia [33]; Grécia [45]; Helice [20]; Itália [6]; Mégara [6]; Olímpia [25]; Olimpo [44]; Sicília [9, 18, 34]; Siracusa [30]; Susa [33]; Tanagra [8]. Mais especificamente, casa de Fidiades [3]; demo de Coluto [3]; propriedade de Arquestrato Freario [41]; propriedade de Cefiso [42]; propriedade de Demonstrato Xipeteron [42]; propriedade de Eurimedonte Mirrinusio [42]; propriedade de Eurimedonte Mirrinusio [42]; propriedade de Filipe de Colideu [41];

<sup>152</sup> Entenda-se a Trasímaco, Calicles, Polo, Górgias, Protágoras, Hípias, Eutidemo.

propriedade em Eroiades [42]; propriedade Hefestiadea [41].

Constituem igualmente objeto de menção alguns nomes de políticos, em exercício dos seus arcontados, como Lisímaco (arcontado de) [3], Amínias (arcontado de) [3]; outros no seu reinado, a exemplo de Filipe (reinado de) [3].

No cenário traçado, merecem também referência algumas raças/classes, como arcadianos [23]; argivos [4]; atenienses [1, 19, 52. Cf. Ateniense / Platão [6], Espeusio Ateniense [46], Hipotalo e Calipo Atenienses [46]; eginenses [1, 3]; egípcios [7]; eretrienses [33]; lacedemónios [1, 3. Cf. Polis Lacedemónio - 19]; magos [7]; ródios [109]; tebanos [23].

São poucas as alusões a divindades. Assim, na generalidade, aos deuses [9] e também a Afrodite [33]; Apolo [2]; Ares [33]; Cípris [33]; Eos [29]; Eros [33]; Hécula [30]; Hefesto [5]; Musas [33]; Posídon [1]; Vesper [29]; Zeus [45].

Em termos temáticos, a obra contempla *topoi* diversificados para complementar as informações disponibilizadas a respeito de Platão, como amores; amizades; figuras sociais; escravos, corpo/alma, fados; sonhos, adivinhos e sacerdotes, médicos, viagens, exílio, sepulcro, testamento [41-43]<sup>153</sup>, epítáfios, teatro, atores e coro (e.g. teatro de Dionísio [5]), Jogos Ístmicos [4], templos (viz. templo de Cefísia - 41; templo de Heracleu em Ifestiades - 41, Dionísias, Leneias, Panatneias e

---

<sup>153</sup> O testamento de Platão, elaborado pelo próprio, denota um espólio comedido, compondo-se de duas propriedades, perfeitamente delimitadas, pelo menos uma obtida a expensas próprias. Também alguma quantidade (pouca) de prata (minas e objetos) e ouro (objetos), mobiliário, domésticos. Por outro lado, designa beneficiários (Adimanto - talvez Adimanto II, sobrinho-neto - : 1 propriedade; Ártemis: liberdade). Refere-se igualmente à existência de um inventário mais detalhado deixado com Demétrio. Além de não deixar dívidas, alude a três minas em dívida por parte do "lapidário Euclides ". Por último, aponta os executores do testamento - Sostenes, Espeusipo, Demétrio, Egias, Eurimedonte (II, sobrinho de Platão), Calímaco e Trasipo. Em termos gerais, poerá afirmar-se que a elaboração do testamento denota a sua preocupação na entrega dos seus bens. Em virtude das circunstâncias inesperadas do seu óbito, por certo a redação do testamento não terá sido muito anterior, pois refere-se uma dívida ainda não paga, assim como nomes de criados. Anos volvidos, o cenário poderia ser distinto. Quanto à Academia, não consta das posses pessoais do septuagenário. De Platão, sobre testamentos, cf. *Leões* 11.923c. Vd. Nails, 2002.

Cítrias - 56), guerras (e.g. guerras da Ásia [7]), estátua de Platão [25], grupos filosóficos (e.g. socráticos [6, 8]; pitagóricos [6, 8] - livros pitagóricos [9]; Heraclíticos [8]) e até objetos/elementos (e.g. cera, ouro, anel, moedas, vasos, taças, mobiliário) e elementos de fauna e flora, com representatividade/simbolismo e funcionalidades específicas, como cicuta, cigarra, pomba, piolhos, cães, águia, corujas, lírio, azeitonas, maçã; locais (e.g. Megalópolis - 23; jardim perto de Colono - 5), Academia - 5, 7, 20, 25, 41 [Ecademia - 8], provérbios.

## Referências Bibliográficas

- ARTHUR, M. The Dream of a World without Women: Poetics and Circles of Order in the Theogony Prooemium. *Arethusa*, 16, p. 97-116, 1983.
- ALGRA, K. et al. (eds.). *The Cambridge History of Hellenistic Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- BOWRA, C. Plato's Epigram on Díon's death. *AJP*, 59, p. 394-404, 1938.
- BRISSON, L. Diogène Laërce, 'Vies et doctrines des philosophes illustres', Livre III: Structure et contenu. In: HAASE, W. *ANRW*, II 36.5. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1992, p. 3619-760.
- BRISSON, L. Les accusations de plagiat lances contre Platon. In: Dixsaut, M. *Contre Platon 1. Le platonisme dévoilé*. Paris: Vrin, 1993, p. 339-56.
- BRYANT, J. Intellectuals and Religion in Ancient Greece: Notes on a Weberian Theme. *The British Journal of Sociology*, v. 37, n. 2, p.269-296, 1986.
- BURKERT, W. *Lore and Science in Ancient Pythagoreanism*, Cambridge: Harvard University Press, 1972.
- BURKHARD, R. Der Platoniker Albinos und sein sogenannter Prologos: *Prolegomena, Überlieferungsgeschichte, kritische Edition und Übersetzung*. L. Wiesbaden: Reichert, 1999.
- BURNYEAT, M. The Material and Sources of Plato's Dream. *Phronesis*, v. 15, n. 2, p. 101-22, 1970.
- CALDER III, W. Diogenes Laertius 3.6: Plato and Euripides. *The American Journal of Philology*, v. 104, n. 3. p. 287-94, 1983.
- CHANTRAINE, P. *Études sur le Vocabulaire Grec*. Paris: Klincksieck, 1956.
- CHERNISS, H. *The Riddle of the Early Academy*. Berkeley: University of California Press, 1945.
- CHROUST, A. Plato's Detractors in Antiquity. *The Review of Metaphysics*, v. 16, n. 1, p. 98-118, 1962.
- COOK, A. *Zeus: A Study in Ancient Religion*. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 2010.
- COOK, R. 'Epoiesen' on Greek Vases. *The Journal of Hellenic Studies*, v. 91, p. 137-38, 1971.
- DORANDI, T. (ed.). *Diogenes Laertius. Lives of Eminent Philosophers*. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 2013.
- DUNN, M. Iamblichus, Thrasyllus, and the reading order of the Platonic dialogues. In Harris, R. *The significance*

- of *Neoplatonism*. Norfolk: Old Dominion University Research Foundation, 1976, p. 59-81.
- ERBSE, H.; STEGMÜLLER, O.; HUNGER, H. et al. *Geschichte der Textüberlieferung der antiken und mittelalterlichen Literatur*, v. I. Zürich: Atlantis Verlag, 1961.
- FLOWER, A. *Theopompus of Chios: History and Rhetoric in the Fourth Century BC*. Oxford: Clarendon Press, 1994.
- FOSTER, B. Notes on the Symbolism of the Apple in Classical Antiquity. *Harvard Studies in Classical Philology*, v. 10. p. 39-55, 1899.
- FRASER, P.; MATTHEWS, E. *A Lexicon of Greek Personal Names*. Oxford: Clarendon Press, 1987.
- FRITZ, K. von Phaidon (3) aus Elis. *RE*, v. 19, n. 2. p. 1538-42, 1938.
- GEARY, P. *The myth of nations: the medieval origins of Europe*. Princeton: Princeton University Press, 2003.
- GOULET, R. *Études sur les Vies de philosophes de l'Antiquité tardive*. Diogène Laerce, Porphyre de Tyr, Eunape de Sardes. Paris: Vrin, 2001.
- HERMANN, K. *Platonis Dialogi secundum Thrasylli tetralogias dispositi*. Lipsiae: In aedibus B. G. Teubneri, 1874.
- HOLLOWCHAK, M. Ancient science and dreams: oneirology in Greco-Roman antiquity. Lanham: University Press of America, 2002.
- HUFFMAN, C. *Aristoxenus of Tarentum: Discussion*. New Brunswick, London: Transaction Publishers, 2012.
- HULTIN, J. *The Ethics of Obscene Speech in Early Christianity and Its Environment*. Leiden: Brill, 2008.
- KINSLEY, D. *The Goddesses' Mirror: Visions of the Divine from East and West*. Albany: SUNY Press, 1989.
- KISSLING, R. The Oxhma-PNEUMA of the Neo-Platonists and the *De Insomniis* of Synesius of Cyrene. *AJPh*, v. 43, n. 4, p. 318-30, 1922.
- KRAMER, S. Socrates' Dream: Crito 44a-b. *The Classical Journal*, v. 83, n. 3, p. 193-7, 1988.
- KRETZMANN, N. Plato on the correctness of names. *American Philosophical Quarterly*, v. 8. p. 126-38, 1971.
- LATTEY, C. The Deification of Man in Clement of Alexandria: Some Further Notes. *JThS*, v. 17.4, p. 257-62, 1916.
- LEVINE, C. *The children of Athena: Athenian ideas about citizenship and the division between the sexes*. Princeton: Princeton University Press, 1994.
- LUDWIG, W. Plato's love epigrams *GRBS*, v. 4, p. 59-82, 1963.
- MANSFELD, J. *Philosophia Antiqua: A Series of Studies on Ancient Philosophy*. Leiden, New York: Brill, 1994.



- MEYERHOFF, H. Socrates' 'Dream' in the Theaetetus. *The Classical Quarterly*, v. 8, n. 3-4, p. 131-38, 1958.
- MORRISON, D. *The Cambridge Companion to Socrates*. Cambridge, New York, Cambridge University Press, 2011.
- MURDOCK, D. *Christ in Egypt: The Horus-Jesus Connection*. Seattle: Stellar House Publishing, 2009.
- MYLONAS, G. The Eagle of Zeus. *The Classical Journal*, v. 41, n. 5, 1946, p. 203-7.
- NAILS, D. *The People of Plato: A Prosopography of Plato and Other Socratics*. Indianapolis: Hackett, 2002.
- NILSSON, M. *The Minoan-Mycenaean Religion and Its Survival in Greek Religion*. New York: Biblo & Tannen Publishers, 1950.
- NOTOPOULOS, J. Plato's Epitaph. *The American Journal of Philology*, v. 63, n. 3, p. 272-93, 1942.
- PAGE, D. (ed.), *Further Greek Epigrams. Epigrams before AD 50 from the Greek Anthology and other sources, not included in 'Hellenistic Epigrams' or 'The Garland of Philip'*. Cambridge, London, New York: Cambridge University Press, 1982.
- PASQUALI, G. *Storia della tradizione e critica del testo*. Firenze: F. Le Monnier, 1952.
- PHILIP, J. The Platonic corpus. *Phoenix* v. 24, n. 4, p. 296-308, 1970.
- POTTIER, E. La chouette d'Athéné. *Bulletin de correspondance hellénique*, v. 32, n. 1, p. 529-48, 1908.
- PREGER, T. (ed.). *Inscriptiones Graecae Metricae Ex Scriptoribus Praeter Anthologiam Collectae*. Leipzig: Teubner, 1891.
- RIGINOS, A. *Platonica. The anecdotes concerning the life and writings of Plato*. Leiden: Brill, 1976.
- ROBERTS, A.; Donaldson, J. (eds.). *The Ante-Nicene Fathers*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1979.
- ROSSETTI, L. *Le dialogue socratique*. Encre Marine. Paris: Éditions Les Belles Lettres, 2011.
- RUSSEL, N. *The Doctrine of Deification in the Greek Patristic Tradition*. Oxford, New York, Oxford University Press, 2004.
- RYLE, C. Logical Atomism in Plato's Theaetetus. *Phronesis*, v. 35, p. 21-46, 1990.
- SANTORO, F. Platão e o plágio de Epicarmo. *Archai*, v. 8, n. 1, p. 11-20, 2012. Retrieved from <https://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/view/8299> DOI: 10.14195/1984-249X
- SCOTT, J. Homer as the Poet of the Thebais. *Classical Philology*, v. 16, n. 1, p. 20-6, 1921.
- SHRIMPTON, G. *Theopompus The Historian*. Quebec: McGill-Queen's University Press, 1991.

- SMITH, W. (ed.). *Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology*. Boston: C. Little and J. Brown, 1870.
- SONGE-MÖLLER, V. *Philosophy without women: the birth of sexism in Western thought*. Athlone contemporary European thinkers. New York: Continuum International Publishing Group, 2002.
- SPYRIDAKIS, S. Zeus Is Dead: Euhemerus and Crete. *CJ*, v. 63, n. 8, p. 337-40, 1968.
- STERNBACH, S. *Meletemata Graeca*. Vienna: Gerold, 1886.
- TAYLOR, A. *Plato. The Man And His Work*. London: Methuen And Company Limited, 1955.
- TROCA PEREIRA, R. 2009a. Furtum Mortale. *Praesentia. Revista Venezuelana de Estudios Clásicos*, v. 10, disponível em: [vereda.saber.ula.ve/sol/praesentia10/filologia/furtum-mortale.htm](http://vereda.saber.ula.ve/sol/praesentia10/filologia/furtum-mortale.htm).
- TROCA PEREIRA, R. Perene caducidade: ensaio sobre a eterna transitoriedade da vida humana. *Classica*, v. 22, n. 1, p. 53 - 70, 2009b. DOI: [10.14195/2176-6436\\_22-1\\_4](https://doi.org/10.14195/2176-6436_22-1_4)
- VAILLANT, J. *Historia Ptolemaeorum Aegypti regum, ad fidem numismatum accomodata*. Amstelaedami: apud G. Gallet, 1701.
- WEST, M. The Homeric Question Today. *Proceedings of the American Philosophical Society*, v. 155, n. 4, p. 383-93, 2011.
- WHITE, F. Love and Beauty in Plato's *Symposium*. *JHS*, v. 109, p. 149-57, 1989.
- WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, U. Von. *Platon*. Berlin: Weidmann, 1917.
- WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, U. von *Platon. II: Beilagen und Textekritik*. Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1920.
- WILLIAMS, B. Cratylus' theory of names and its refutation. In Schofield, M.; Nussbaum, M. (eds.). *Language and Logos*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982, p. 83-93.
- WOLF, F. Prolegomena ad Homerum, sive de operum Homericorum prisca et genuina forma variisque mutationibus et probabili ratione emendandi. Halis Saxonum: a libraria Orphanotrophi, 1795.
- WOLFRAM, H. *The Roman Empire and its Germanic peoples*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1997.
- ZELLER, E. *Plato and the Older Academy*. London: Longmans, Green, and co., 1888.